

Marco Antonio Peres Quatorze

QUINTA EM AROUCA

**Trabalho de Projeto
Mestrado em Arquitectura**

FEVEREIRO, 2022



Marco Antonio Peres Quatorze

QUINTA EM AROUCA

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitectura, realizado sob a orientação científica do Prof. Doutor Michele Cannatà.



Declaro que este Trabalho de Projeto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes

consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Porto, de de

Declaro que esta Dissertação / Relatório / Tese se encontra em condições de ser apreciada (o) pelo júri a designar.

O orientador,

Porto, de de

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer ao meu orientador, Professor Arquitecto Michele Cannatà, por toda a paciência, empenho e sentido prático com que sempre me orientou neste trabalho e projecto. Muito obrigado por me ter corrigido quando necessário sem nunca me desmotivar.

Desejo igualmente agradecer a todos os meus colegas do Mestrado Arquitectura, especialmente os que me acompanharam desde o primeiro ano de faculdade e amigos em que fiz nesta instituição, cujo apoio e amizade estiveram presentes em todos os momentos.

Aos meus pais, Luís Peres e Luciene Peres, irmão Caio Peres e tia Vera Peres, que sempre acreditaram em mim, pela confiança, pelo apoio incondicional. Claro que eu não poderia deixar de agradecer meus avós Manuel e Maria Emília, que já não estão mais vivos, mas que com certeza estão a me orientar e que sem eles nada disso seria possível.

Por fim, agradeço também a todos os funcionários da Escola Superior Artística do Porto, que foram sempre prestáveis.

A todos, Muito Obrigado.

MARCO PERES

PALAVRAS-CHAVE: Quinta; Arouca; Arquitectura; Projecto

Resumo

A intervenção consiste na recuperação de uma quinta com características rurais localizada em Arouca, distrito de Aveiro e pertencente a região metropolitana do Porto. Sobre este tema, o projecto se desenvolve a partir de um contexto histórico relacionado com a história da família, da quinta, dos antepassados e do avô materno que la viveu e nasceu, até sua imigração para o Brasil em 1949, aos 18 anos de idade, para fugir da guerra em África. Desta forma, esta tese proporcionará uma importante reflexão sobre o processo de continuidade entre as gerações da família e que esta atitude provocará também uma reação na arquitectura popular e contemporânea.

Este projecto surge através dos descendentes, filhos e netos que vivem ou viveram no Brasil, com o objectivo de proporcionar um refúgio para a família em Portugal, nomeadamente Arouca, município onde vivem parte da família, bem como irmãos do avô, primos e tias. Guardam-se boas memórias de convívio familiar, e neste caso Arouca surge como um território onde tudo começa e também de regresso as origens.

Desta maneira, a continuidade entre o antigo e o novo verifica-se não só nas diferentes gerações da família, ou seja, entre os avós e netos, mas também na evolução da arquitectura e da quinta, da mais tradicional e popular portuguesa até a mais contemporânea. Esta analogia será a síntese do projecto da recuperação da quinta, onde o ator estará sempre em constantes nostalgias de sua infância, de histórias, o que influencia nas decisões projectuais, mas sem abandonar a funcionalidade, a beleza e o conforto que a arquitectura dos dias atuais impõe.

MARCO PERES

KEYWORDS: Farm; Arouca; Architecture; Project

Summary

The intervention consists of the recovery of a farm with rural characteristics located in Arouca, district of Aveiro and belonging to the metropolitan region of Porto. On this theme, the project develops from a historical context related to the history of the family, the farm, the ancestors and the maternal grandfather who lived and was born there, until his immigration to Brazil in 1949, at the age of 18, to escape the war in Africa. In this way, this thesis will provide an important reflection on the process of continuity between the generations of the family and that this attitude will also provoke a reaction in popular and contemporary architecture.

This project arises through the descendants, children and grandchildren who live or have lived in Brazil, with the aim of providing a refuge for the family in Portugal, namely Arouca, a municipality where part of the family lives, as well as grandfather's brothers, cousins and aunts. Good memories of family life are kept, in this case Arouca, appears as a territory where everything begins and also a return to origins.

In this way, the continuity between the old and the new is verified not only in the different generations of the family, that is, between the grandparents and grandchildren, but also in the evolution of architecture and the farm, from the most traditional and popular Portuguese to the most contemporary. This analogy will be the synthesis of the project for the restoration of the farm, where the actor will always be in constant nostalgia for his childhood, for stories, which influences the design decisions, but without abandoning the functionality, beauty, and comfort that the architecture of the days current imposes.



*Figura 1 – Bisavós maternos, avô e avó no canto superior e inferior esquerdo, irmãos dos avós.
Fonte: Autor*

Objectivo

O objectivo desta tese tem como pretexto a aprendizagem do aluno, tal como a reflexão de valores que permitem reforçar a qualidade da arquitectura e um maior conhecimento e contributo da arquitectura popular portuguesa. Neste âmbito, o aluno expande seus conhecimentos teóricos e práticos, o que permite posteriormente um maior embasamento para concretizar suas ideias e projectos. Desta forma, este conhecimento servirá como um apoio para este projecto ser materializado pelo aluno e concretizar o sonho da família, a reabilitação da Quinta em Arouca.

Este sonho veio de forma a honrar as memórias dos avós, que já não estão mais presentes, mas com certeza estariam realizados com este projecto. Além disso, a Quinta de Arouca estaria relacionada com o fato de que a família que vive no Brasil e que visita Portugal todos os anos teria o sonho de resgatar esta Quinta de modo que criasse um refúgio em Arouca, perto da tradição portuguesa, do contacto com o restante da família, dos arouquenses, da terra natal dos avós. Esta busca pelas raízes e por investigar o sentido das coisas proporcionará um projecto harmónico entre a tradição e a modernidade, e que responda as necessidades dos clientes, neste caso as duas filhas do avô.

“Dou respostas a um problema concreto, a uma situação em transformação na qual participo sem fixar uma linguagem, porque é simplesmente uma participação num movimento de transformação com implicações mais vastas.”

Álvaro Siza Vieira

Índice

INTRODUÇÃO	18
METODOLOGIA	20
CARACTERIZAÇÃO DO LUGAR	22
O NÚCLEO AGRÍCOLA	27
INTRODUÇÃO A REABILITAÇÃO DA PAISAGEM	30
REABILITAÇÃO DA PAISAGEM	31
ESTRATÉGIA DE PROJECTO	34
PRÉ-EXISTÊNCIAS	34
SUSTENTABILIDADE E CONTINUIDADE	35
A LINGUAGEM DA ARQUITECTURA: ELEMENTOS PARA O PROJECTO	37
REFERÊNCIAS	40
NÚCLEO RURAL DE ALDOAR, PORTO	41
FERNANDO TÁVORA	43
Casa Quinta Briteiros, Guimarães	44
EDUARDO SOUTO MOURA	46
Herdade de São Lourenço do Barrocal, Eduardo Souto Moura	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS REFERÊNCIAS	49
O LUGAR	51
LOCALIZAÇÃO	55
O PROGRAMA	59
REFÚGIO DA FAMÍLIA	59
HABITAÇÕES TURÍSTICAS	61
MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJECTO	62
INTRODUÇÃO	62
DESCRIÇÃO E JUSTIFICAÇÃO DA PROPOSTA	63
JUSTIFICAÇÃO DAS OPÇÕES TÉCNICAS E INTEGRAÇÃO URBANA E PAISAGÍSTICA DAS EDIFICAÇÕES	64
CONDIÇÕES FORMAIS E FUNCIONAIS COM A ENVOLVENTE	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
ANEXO I	72

ANEXO II75

INTRODUÇÃO

Esta tese se inicia através de investigações teóricas e de casos de estudos identificados como significativos para o trabalho e que se relacionam com a arquitectura popular portuguesa e também contemporânea. O território denominado Douro Litoral passe a ter um papel importante nos estudos da geografia e da ocupação do solo desta parte do país, bem como a arquitectura local e as diferentes tipologias identificadas.

Desta forma, com o auxílio dos três volumes do livro O Inquérito da Arquitectura Popular em Portugal e de visitas locais, introduz uma recolha de informações relacionadas com o território e com a história, que permitem uma base para dar início a algumas experimentações. Inicialmente, são verificadas as relações entre a arquitectura e as condições geográficas, como a ocupação do solo, a topografia, o clima e os recursos hídricos. Estas condições induzem a forma como a construção é feita, interferindo na arquitectura popular e nas características do núcleo rural.

Neste contexto, há uma preocupação em identificar os elementos do núcleo rural e sua organização espacial, para então iniciar um estudo das tipologias das habitações. Essa reflexão da arquitectura popular e assenta em algumas referências de projectos contemporâneos que conseguem dar uma nova utilidade aos elementos do projecto, aos volumes que hoje perdem a sua função, ou seja, que atendem as necessidades atuais humanas.

Desta maneira, o projecto inicia-se a partir desse vínculo com as raízes, dessa capacidade de reorganizar o espaço e dar uma nova linguagem a arquitectura, de reconfigurar o pequeno núcleo em que se insere a quinta. Desse jeito, pretende-se atender os desejos dos clientes e proporcionar uma nova paisagem sobre o território arouquense ao pé da Serra da Freita, em um território cheio de história para Portugal e de lembranças para a família.

METODOLOGIA

Antes de chegar ao projecto, há uma recolha de informações retiradas em livros, mapas, fotografias, desenhos, entrevistas e conversas, que permitem maior intimidade ao sítio. Neste contexto, o lugar é especialmente caracterizado e estudado, são feitos inúmeros esboços da paisagem, das pré-existências, das casas, da envolvente e do interior das construções. A história do sítio permite um embasamento e uma coerência para as ideias.

A partir disso, há um estudo da parte conceptual e estratégias de projectos que permitem verificações de hipóteses de intervenções para o território. Simultaneamente são estudados três casos de estudos que fazem sentido do ponto de vista estético, técnico, conceptual e enquadramento territorial. Assim, esses casos orientam o projeto e influenciam nas tomadas de decisões. Reunidos todos esses elementos, mais as pretensões dos clientes e sessões de orientação, surgem as primeiras ideias.

CARACTERIZAÇÃO DO LUGAR

No âmbito da história do lugar, o regionalismo dinamiza e diversifica o estilo nacional português, contribuindo para um enriquecimento da cultura arquitetónica do país. Desta forma, foram feitos levantamentos de diferentes arquitectos portugueses do século passado que se esforçaram para diferenciar a arquitectura erudita do popular.

Segundo Fernando Távora, “o estudo da arquitectura popular portuguesa oferece lições de coerência, seriedade, economia, de engenho, de funcionamento e beleza que em muito contribui para a formação da arquitectura dos nossos dias”. Ou seja, a técnica da observação e do estudo da história permite dar ferramentas para esse processo de evolução da arquitectura.

Neste contexto, os estilos eruditos ganharam expressões locais entrelaçados pelo património arquitectónico dos povos, pelas obras de raízes e pela evolução da técnica construtiva. O levantamento do território permite entender a relação entre a arquitectura e a geografia, ou seja, a relação entre o homem e os meios naturais nomeadamente o solo, o clima, a topografia, a vegetação e as bacias hidrográficas. Isto permite caracterizar e dividir o território português em diferentes zonas que ajudam a perceber as diferentes ocupações do solo.

Esse levantamento permite testemunhar espólios do homem paleolítico e neolítico de sociedade patriarcal, da idade do ferro e cobre. Nomeadamente a Serra da Freita, território montanhoso localizado ao lado de Arouca e da quinta, existem núcleos destes vestígios como forma de florência de culturas quase nativas que ocuparam os acúmes destes montes propícios a defesa dessas pessoas. Mas é com a ocupação romana que se segue ao domínio cartaginês com soluções de plantas retangulares mais complexas.

Neste contexto, as construções passam a ser feitas em função de uma vida pastorícia e da agricultura das pessoas, a exploração do solo, da terra, passa a ter importante significado através da construção de estradas e artérias. O milho passa a ser o principal elemento de cultivo e a construção de casa típica agrícola, a planta e o tipo de difusão dos povoamentos e a população sofrem alterações para se adaptarem a essas necessidades desse cultivo. A história permite entender que as necessidades humanas sofrem alterações e temos que adaptar e transformar esses novos espaços.

Desta forma, é no território mais alto que estabeleciam parte dessas comunidades, para facilitar a prática da observação e defesa de possíveis inimigos e da caça.

Historicamente o sítio mais alto era considerado o mais seguro, por isso as construções mais importantes se estabeleciam nas cotas superiores, nomeadamente templos, mosteiros, igrejas, castelo ou a Acrópole de Atenas. Essa tradição se manteve na organização dos núcleos rurais e na construção e posição das casas portuguesas, é na parte mais alta onde localiza-se a capela ou a habitação da família, ou até mesmo o espigueiro, elemento agrícola de grande interesse.

Além disso, a história permite investigar também os diferentes contextos de guerra e ocupações de outros povos no território nomeadamente os mouros e os normandos que ajudaram ainda mais a dinamizar e impulsionar a arquitectura portuguesa. O território passa a ser disputa dos Normandos através do litoral e dos Mouros que vinham do sul, erguendo torres militares em pedra. Em Arouca, cerca de 1 km da quinta, existe desde o reinado de Afonso III de Portugal, uma torre moura que marca o carácter de ocupação essencialmente militar da época.

Porém nenhuma guerra até hoje foi capaz de modificar a natureza do solo, o clima e outros fatores determinantes da arquitectura regional. Desta forma, chega-se a uma hipótese de que de fato não existe uma “casa portuguesa” e sim várias casas, ou seja, a evolução da arquitectura em Portugal, nomeadamente da região norte, passou por diversas influências que se associaram a arquitectura local, popular. Esta arquitectura popular, bastante funcionalista, económica e bela, é material de estudo para os arquitectos contemporâneos.

Neste contexto, a zona do Douro Litoral possui uma expressiva ocupação e fixação do solo de forma mais uniforme e espalhada, este fato deve-se pela disponibilidade de cursos de águas e afluentes de rios dispostos paralelamente entre si. A permeabilidade do solo granítico, o denso revestimento vegetal e a alimentação regular das grandes precipitações são causas deste fenómeno dos rios.

Quanto aos materiais disponíveis nesta zona e que também ajudam a entender os fenómenos da arquitectura, destaca-se para o pinheiro bravo, o carvalho, o castanheiro, o granito e o xisto. Contudo, isso permite entender a contribuição dos recursos da matéria-prima que consolida uma arquitectura no uso da pedra e madeira. Neste caso, Arouca possui as moradias caracterizadas entre o vale, onde localiza-se a vila, e as montanhas em volta, Serra da Freita e Alvarenga. A madeira substitui a pedra em alguns elementos da casa onde a matéria-prima é mais escassa, nomeadamente nas varandas.

Deste modo, essa relação da ocupação do território, a estruturação urbana e rural, os materiais utilizados, o processo de construção, as influências do clima, da economia, da organização social e dos fatores de evolução são contributos para um processo de continuidade da arquitectura e da história.



Figura 2 - Socialcos, aldeia da Albergaria da Serra, Serra da Freita, Arouca.



Figura 3 - Aldeia da Castanheira, Serra da Freita, Arouca.



Figura 4 - Torre Mouros, Séc XIV, Arouca.



Figura 5 - Pinheiro bravo, vegetação típica de Arouca.

O NÚCLEO AGRÍCOLA

A ocupação do solo, após a guerra de reconquista e a expulsão dos mouros, passa a ser feita por vilas ou vilares e depois pelos burgos. Foram os romanos evangelizados do cristianismo que difundiram os mosteiros pelo território, com fortes influências da arquitectura arcaica, germânica, bizantina e romana. Posteriormente, nas zonas mais urbanas como Porto e Braga, foram feitas as construções palacianas dos quinhentos, caracterizados pelo salão, pelas salas, pela varanda, escadaria e as alcovas. Essa arquitectura de ascendência italiana de granito, cal e reboco conjuga-se com o regionalismo da pedra e robustez.

Ainda na região metropolitana do Porto, em Arouca, num contexto rural, a exploração agrícola sempre esteve presente e dominou a constituição do povoamento e da paisagem do território nessa zona do Douro Litoral. No vale de Arouca, os resultantes geográficos em cotas mais baixas, permitiram a organização do povoamento de forma mais difusa, com baixa densidade demográfica, sem um núcleo urbano principal, mas sim vários núcleos rurais, condicionados pela topografia e dos recursos hídricos.

Nestes núcleos rurais, a casa agrícola é um organismo autossuficiente e unifamiliar, constituído pela casa de lavrador ou casa de lavoura. Na região mais montanhosa de Arouca, o aproveitamento do território agrícola e o limite de cada terreno se dá a partir dos ribeiros que formam caminhos naturais através do degelo e das águas da chuva da serra da Freita. Isto permite que socalcos são formados naturalmente, mas que a ação do homem intensifica esse processo através de muros em pedra e caminhos pedonais. Desta fora, a paisagem é construída por elementos naturais e pela ação do homem.

A casa vivia em função das atividades agrícolas, muitas possuíam a entrada localizada na rua e necessitava de algum elemento de separação entre o espaço público e a porta de entrada. Os currais permaneciam debaixo da casa, nomeadamente debaixo da cozinha para esquentar o piso superior, ou separados por um espaço exterior. Todo piso exterior era construído em pedras que permitiam a circulação de animais e carroças, e a drenagem da água das chuvas era feita em grandes pedras justapostas de forma com que a água fluísse naturalmente.

Neste contexto, toda a atividade agrícola produzida era separada e recolhida na eira, representada por grandes pedras em granito no solo, com o mínimo de juntas de dilatação, para não desperdiçar os grãos e alimentos nestas juntas. Posteriormente, o alimento era transportado e armazenado no interior do palheiro, uma construção que tinha o tamanho e a forma que variava de acordo com as necessidades da quinta ou do núcleo rural.

Outro elemento importante identificado nestes territórios, nomeadamente no Douro Litoral e na região de Arouca, são os espigueiros. Estas construções localizadas em sítios mais altos e protegidos, são verdadeiras lições de estrutura, sustentados e elevados do chão por blocos em pedra para preservar o milho dos animais predadores, como os ratos. São feitos em pedras e madeira, com fissuras laterais para secar o milho. Um exemplo que reúne várias estruturas destas é o conjunto de Soajo, no Minho, com 24 espigueiros assentes em uma superfície em pedra, ainda utilizado pela população local.

INTRODUÇÃO A REABILITAÇÃO DA PAISAGEM

A reabilitação da paisagem é hoje um tema indissociável e central na sociedade contemporânea como suporte identitário e fator de desenvolvimento sociocultural e territorial sustentável. Associada ao contexto urbano e rural, esta temática propõe através de uma abordagem crítica os conceitos da arquitectura popular portuguesa e de paisagem cultural, incluindo os seus fundamentos históricos e teóricos, as ferramentas metodológicas e de projecto que conseguem propor a reabilitação da paisagem.

No campo da arquitectura, o edificado e a paisagem se articulam proporcionando uma realidade cultural que acontece, de forma mais genuína, desde os tempos mais eruditos. O conhecimento histórico deste processo e desta prática leva uma valorização e interpretação da reabilitação da paisagem.

Neste contexto, uma paisagem, um lugar, um simples edifício, possui história, identidade própria, em que os seus traços, vestígios e marcas resultam da ação do homem, conferindo-lhes significado e identidade. A valorização da paisagem humanizada contribui para um desenvolvimento regional ou local, de modo que o património construído e o património intangível são encarados como parte integrante e indissociável da paisagem.

Reabilitação da Paisagem

Na reabilitação da paisagem, deixar a identidade natural do meio se interagir com o meio artificial, ou seja, com a ação do homem, é uma estratégia de intervenção que contribui para a qualidade do território. Por exemplo, o expressionismo das ruas tortuosas e desalinhadas das cidades e aldeias de Portugal, faz contraste com a delicadeza de espaços contemporâneos, como alguma arquitectura local e parques.

Neste contexto, os jardins, com paredes com musgos e um certo ambiente natural, porém proposital, e a paisagem que estes jardins influenciam nas cidades e na arquitectura fazem surgir uma ideia bucólica e que evocam pinturas ou aberturas num plano. Estas aberturas são verdadeiras molduras para a paisagem e que estão presentes na arquitectura e na forma de intervir, como no Parque da Cidade do Porto e no núcleo histórico de Aldoar, um dos casos de estudos que melhor representa o tema de reabilitação da paisagem.

Desta forma, a matéria natural em articulação com o meio artificial traz uma arquitectura sensível e consegue expressar a complexidade da vida, do ser humano. Deste modo, o complexo do Parque da Cidade e o núcleo de Aldoar é uma espécie de refúgio para o homem e uma volta as tradições, onde o jardim é e sempre foi considerado o coração das casas, jardim este desenhado pelo homem, e a aldeia um espaço bucólico que resgata a tranquilidade do interior e o contacto mais próximo com as raízes, com a natureza. Assim, no âmbito dessa relação entre a arquitectura e a paisagem, surgem espaços, projectos e habitações com essa temática.

Na reabilitação da paisagem no meio rural, a utilização de elementos já existentes incorporados na obra permite lembrar as memórias, ou então as aplicações de elementos simbólicos podem também interpretar esse resgate da arquitectura popular. Tal como a ruína que remete a algo que já existiu e que não existe mais e o muro original que revela a história do lugar.

Isto permite também com que os elementos naturais da paisagem funcionem como filtros, entre espaços exteriores e interiores, a penumbra possui um objectivo interessante na conquista destes espaços. Verifica-se nestes espaços, sobretudo nos ambientes mais tradicionais das aldeias, as primitivas técnicas relacionadas aos sistemas ancestrais e populares de se construir e de modificar a paisagem. Desta forma, o núcleo rural não é apenas um conjunto de casas agrícolas, mas uma paisagem, e os elementos da arquitectura configura essa nova paisagem. A paisagem nunca será uma envolvente de qualquer projecto, mas este tem que se adaptar, como intruso, ao lugar e as condições climáticas.

No âmbito deste tema, o núcleo rural se configura através dos diferentes elementos naturais existentes no território e a organização destes volumes consegue atingir um equilíbrio no território de forma a se adaptar e configurar toda a paisagem como se fosse um elemento só.

Neste contexto, os ribeiros são utilizados para demarcar territórios, os muros de pedra existentes são elementos de demarcação e que também ajudam a configurar a topografia e construir a paisagem. O núcleo de Aldoar é um bom exemplo dessa relação entre a paisagem e a construção, formando um diálogo poderoso e complementar entre o Parque da Cidade e o próprio núcleo.

Neste contexto, a forma como as aldeias populares portuguesas se integram genuinamente na paisagem, respeitando lugar e a natureza e acompanhando a topografia, não danifica o lugar, mas sim integra-o. Essa percepção e reflexão do sítio, no sentido de que a partir do sítio se fixa a forma, acaba por influenciar muitos arquitectos contemporâneos. Assim como, na geografia, relação entre o homem e os meios naturais, o interesse pela arquitectura popular reforça a continuidade da arquitectura em Portugal, com a tradição como embasamento para suas ideologias.

Com a geografia sendo uma componente importante da reabilitação da paisagem, o clima, a vegetação ou a topografia acidentada ou plana condiciona o projecto. Nomeadamente em terrenos rochosos, a arquitectura cria fundações naturais que consolidam a construção. Desta maneira, verifica-se projectos encastrados em rochas, construindo assim uma nova paisagem, uma relação interessante entre o elemento natural e a construção. Souto Moura, em Casa Moledo aproveita as condições do terreno já modificado pelo homem para inserir a construção. Assim, o terreno deixa de ser o ambiente em que a obra se encontra exposta, para ele próprio ser trabalhado e integrado a obra.

ESTRATÉGIA DE PROJECTO

Pré-existências

Através do contacto com a pré-existência, constrói-se uma nova linguagem e modifica-se a prática da arquitectura. A ideia de construir no tempo provoca uma atitude de que a arquitectura está sempre em movimento, ou seja, é algo dinâmico que possui uma base histórica que consegue unir todos esses tempos. Neste caso, as utilizações de elementos já existentes podem estar incorporadas na obra e ajudam a enriquecer o projecto e também permitem lembrar as memórias na obra, mesmo se construindo algo novo, um volume novo.

Com base nisso, mantém-se as pedras do muro dos currais que servem de socalco para o nível inferior e entrada das futuras habitações. Respeitar a natureza, mas com a evolução da técnica ter a capacidade de domesticar a natureza é também uma estratégia projectual. Ou seja, respeitar o curso natural da água e da topografia, mas poder fazer pequenas alterações que fazem sentido ao projecto, será também uma forma de encarar e resolver os problemas e de tirar partido para embelezar a obra.

Neste caso concreto, os percursos hídricos e os muros pré-existent da quinta serão elementos interessantes que serão realçados e pertencerão a proposta, ou seja, serão elementos que auxiliarão o projeto. Desta forma, o ribeiro canalizado localizado debaixo do curral teria que ser objecto de estudo e valorizado, de forma que seja possível manter o mesmo curso, mas domesticar ele de forma diferente da atual.

Estas experimentações requerem um levantamento e a identificação dos materiais existentes na quinta, das construções, dos elementos de projecto. Este processo permite separar o que é má-arquitectura da boa arquitectura, ou da arquitectura popular, para que possa tomar decisões de demolições ou não.

Além disso, há a atenção a pormenores que resgatam memórias da arquitectura tradicional portuguesa, nomeadamente importância da entrada da casa, onde a porta por constituir um elemento doméstico em madeira deverá ser reinterpretada condicionando os materiais e com uma linguagem mais nova. Contudo, na pré-existência, serão identificados os diferentes valores dos elementos arquitectónicos e de projecto dos volumes, bem como o cronograma construtivo da casa.

Sustentabilidade e Continuidade

Outro tema relacionado com a estratégia de projecto é a Sustentabilidade. A possibilidade de utilizar algo esquecido para gerar um espaço novo significa transformar aquele espaço que já foi bastante utilizado, mas que atualmente está em desuso, em um espaço com alguma finalidade atual e também futura. A necessidade contemporânea muda e é preciso adaptar a novas funções. Esta sustentabilidade é uma temática que se relaciona com o processo de continuidade, e são ferramentas vinculadas a estratégia de recuperação da quinta.

Neste contexto de continuidade, a demolição para construir dimensões estará presente no que se considera má arquitectura, com o objectivo de otimizar novos espaços a partir de um vazio ou de uma volumetria nova com uma linguagem contemporânea que se relaciona com a envolvente. A adaptação através da interpretação tipológica da casa típica e do curral típico e a transformação em volumes contemporâneos será uma ferramenta que permitirá a reabilitação da quinta e contribuirá para seu processo de continuidade.

Esta atitude transforma e dá utilidade ao território atualmente pouco explorado e utilizado, se adaptando as necessidades locais potencializadas pela proximidade turística do geoparque da Serra da Freita, dos Passadiços do rio Paiva, pela maior ponte pedonal do mundo, pelos interesses paisagísticos de toda a envolvente.

Essa ideia de continuidade também se estabelece nas memórias e na história da família. Alguns hábitos da infância resgata as condições de convívios familiares nos almoços e jantares na casa dos avós, onde havia a separação dos espaços relacionados com as diferentes gerações, ou seja, na sala de jantar permaneciam os adultos a usufruir da refeição, e na cozinha ou outra sala a geração mais nova, os netos. Esta distinção de ambientes proporciona no projecto a ideia de um volume novo, separado da casa principal, que atendem as necessidades das futuras gerações, da quinta e do território, ou seja, das necessidades de cada tempo.

Desta forma a evolução e continuidade da quinta está relacionada não só com a materialização de volumes construídos em diferentes épocas, consoante as necessidades, mas também com o crescimento da família, com o aparecimento dos filhos e netos. É como um organismo vivo que se relaciona com a paisagem, com o meio, sem esquecer de suas raízes, participando do ciclo natural da vida, da continuidade.

A LINGUAGEM DA ARQUITECTURA: ELEMENTOS PARA O PROJECTO

A linguagem da arquitectura é um tema tratado por arquitectos e críticos resultantes de diversos campos da expressão humana, estabelecendo intervenções com atitudes mais contemporânea ou mais tradicional. Esses posicionamentos contém a história para sustentar as ações, a forma, a textura, a luz e a sombra, a cor, os materiais e a técnicas usadas na linguagem da arquitectura. Assim, os elementos para o projecto assumem uma importância para a identificação desta linguagem, e as técnicas construtivas evoluem com o passar do tempo, mas seus fundamentos conseguem ser reinterpretados de outra maneira mais contemporânea.

Neste contexto, gestos simples e discretos em intervenções contemporâneas podem ser identificados através dos elementos para o projecto. As esquinas das paredes exteriores dos edifícios são tratadas através das pedras aparentes de maior tamanho, técnica usada e resgatada da construção popular de casas de aldeias, mas que hoje os arquitectos adaptam a uma linguagem atual.

Outro elemento para o projecto que consegue ser reinterpretado a uma linguagem contemporânea são as escadas, nomeadamente os degraus e as guardas. Neste caso, o degrau podia ser utilizado como um objecto de transição entre um espaço ao outro e entre um espaço interior e a rua, utilizavam nestes casos um bloco pedra ou em madeira. Esta peça torna-se um elemento interessante que consegue configurar e rematar o final da escada ou afirmar a entrada de algum espaço e porta.

Além disso, as escadas exteriores utilizavam uma técnica construtiva que contribuía para uma forma notável e expressiva, no espelho e no cobertor utilizavam pedras maiores e hoje utilizam pedras mais polidas, maiores e mais bem trabalhadas, muitas vezes blocos inteiros. Quando havia um aterro com diferenças de cotas no solo, as escadas recebiam um tratamento nas extremidades com pedras também mais elaboradas e maiores.

A varanda é outro elemento que surge nas habitações populares portuguesas para organizar os espaços. Tinha a função de corredor ou galeria, ou seja, de circulação que ligavam a entrada da casa com os quartos e salas, e eram tanto mais compridas quanto mais dependências existirem. Em situações de escassez de materiais e em lugares mais montanhosos a pedra era substituída pela madeira pinho ou castanho para a construção destas varandas.

Porém, atualmente a varanda perde esse sentido e essa função, mas é reinterpretada dando-lhe outra utilidade de contemplação, podem ser fechadas ou abertas, com materiais tradicionais ou novos, mas conseguem trazer uma linguagem nova a arquitectura. Este elemento pode ser estar associado aos pilares, que também podem ser reinterpretados de dando expressividade a arquitectura.

Outro caso interessante que resulta da arquitectura popular é a reinterpretação da casa sequeiro, espaço com estrutura naturalmente clássica em uma armação composta por muros, pilares e lintéis de pedra, onde guardavam produtos da agricultura. Este volume era agregado a casa ou separado, e permite várias interpretações com mudanças de utilizações que atendem as necessidades atuais e que quando articulados com uma linguagem contemporânea traz um valor arquitetónico interessante.

Neste contexto, esta estrutura clássica de casa sequeiro foi utilizada como base conceitual para projectos contemporâneos dos arquitectos Siza Vieira, Souto Moura ou mesmo do Adalberto Dias, como verifica-se em Casas Brancas, no Porto. Este edifício habitacional recorre em sua fachada e estrutura este plano ortogonal de casa sequeiro.

Esta adaptação dos elementos de projecto e de técnicas construtivas populares conseguem elaborar uma arquitectura atual através do aperfeiçoamento da tecnologia e da mudança das necessidades locais. O embasamento em pedra de uma construção popular significa um reforço das paredes e da laje em contacto com o solo, esta estratégia é reinterpretada também pelos arquitectos com o objectivo funcional, mas também estético e contemporâneo. Neste contexto, Siza Vieira e Souto Moura utilizam a pedra granítica ou calcária para formar e rematar as paredes exteriores ao nível do rés do chão, proporcionando um embelezamento, robustez e reforço no contacto com o chão.

Desta maneira, na arquitectura popular, nomeadamente a agrícola, é possível tirar lições de aprendizagem e a evolução do tempo demonstra essa capacidade conceitual que temos de dar continuidade e de evoluir. Numa casa agrícola, em um núcleo rural constituído por uma quinta, a abertura mantém significados diferentes, estas possuíam um sistema construtivo não urbano.

A porta, por exemplo, era construída para a passagem dos animais, em madeira, geralmente com duas folhas e com um sistema de fechadura em ferro. As aberturas eram apenas “buracos” na parede em pedra para renovação do ar no espaço dos animais. Desta forma, havia uma ausência de elementos decorativos e o reboco veio agregar a pedra muito mais tarde e em casas mais requintadas.

REFERÊNCIAS

Foram utilizadas três referências de diferentes arquitectos portugueses, como instrumento de projecto. Estas obras possuem características aplicáveis ao projecto, desde a parte conceptual até a executiva.

“O arquitecto trabalha manipulando a memória, disso não há dúvida, conscientemente, mas a maioria das vezes subconscientemente. O conhecimento, a informação, o estudo dos arquitectos e da história da arquitectura tendem ou devem ser assimilados, até se perderem no inconsciente ou no subconsciente de cada um.”¹

¹ Álvaro Siza (1998) – Imaginar a Evidência. Pág 37

Núcleo rural de Aldoar, Porto

Aldoar é um pequeno núcleo rural localizado nas extremidades do Parque da Cidade, no Porto, com entrada pelo parque ou pela rua Vilarinha e avenida do Parque. Aldoar eram quatro quintas de lavoura que existiam neste local, que em conjunto com os seus terrenos foram inseridos no Parque da Cidade. Foi inaugurado em 2002, depois das obras de restauro e recuperação das suas quatro quintas sobre autoria do arquitecto João Rapagão e César Fernandes. Perpetuaram as memórias do Porto rural e das identidades edificadoras.

Neste caso, deram utilidade aos espaços existentes, adaptando a novas utilidades. Os edifícios foram transformados de acordo com as compactidades funcionais atuais, de maneira de encontrar uma relação com os volumes já existentes, de modo que não fosse destrutiva, mas complementar e contribuindo para o desenvolvimento social local.

Os edifícios foram objecto de estudo, analisando o uso destes, hierarquizando-os em diferentes estados de conservação e de qualidade arquitetónica, identificando os elementos urbanos e arquitetónicos de interesse. Foram feitos também testemunhos da originária atividade produtiva agrícola, de elementos paisagísticos, estudos sociais de agregados familiares e resumo das áreas edificadas e livres.

Isso se resume em novos equipamentos que foram feitos para atenderem as necessidades locais, um restaurante, um salão de chá com esplanada, um picadeiro para o uso do Clube de Póneis, um Centro de Educação Ambiental, onde são realizadas várias atividades no âmbito da proteção do meio ambiente, nomeadamente com a participação de grupos escolares.

Existe também lojas de associações sem fins lucrativos que promovem e vendem seus produtos artesanais, biológicos e agrícolas. Isto permite a integração da população num espaço rural único inserido num contexto urbano da cidade do Porto, fazendo essa transição entre o parque e a cidade. Neste contexto, Aldoar resgata o sentido de comunidade e convívio das pessoas em mais um território de paragem.

Os métodos construtivos tradicionais é outra componente de projeto importante para a reabilitação do núcleo, e que pode ser interpretada e incorporada na arquitectura contemporânea. A ideia de continuidade dos materiais e da construção, da técnica, permite entender a cronologia a evolução do território, da paisagem e da edificação. Em Aldoar, a justaposição de dois pilares diferentes e de épocas diferentes um ao lado do outro, ou a colocação de uma pedra em granito mais nova e mais polida justaposta em uma mais primitiva, é uma estratégia da intervenção que revela este processo de continuação.



Figura 6 – Imagens pormenores construtivos, Núcleo Aldoar, Porto. Fonte: Autor.

Fernando Távora

Fernando Távora, enquanto ícone fundamental da arquitectura portuguesa da segunda metade do século XX, foi um dos mais emblemáticos arquitectos portugueses e pioneiros do modernismo no país. A escolha pelo estudo deste arquitecto remete para a inquietação que suas obras nos causam aquando da sua redescoberta na procura de um profundo entendimento sobre as questões da arquitectura portuguesa e ao seu posicionamento e ação enquanto organizadores de espaço. No contexto entre modernidade e tradição, serão investigados casos de estudo que identificam e colaboram para a afirmação e identidade portuguesa, no domínio da arquitectura.

Fernando Távora, nasceu no Porto, em 25 de agosto de 1923. De origens nobres, passa a sua juventude entre os solares do Minho e da Bairrada e as praias da Foz. Recebe uma educação clássica e conservadora, transmitida pelo seu pai, “homem muito culto e muito interessado por esses problemas” das casas, das cidades e da arte em geral. Desta forma, Távora toma, desde muito cedo, contacto com temas relacionados com a Arquitectura, ainda que em termos de carácter histórico.

Desta forma, inicia-se sua formação académica na escola de Belas Artes no Porto num contexto da “antiga reforma” e do Estado Novo. Mais tarde, influenciado por diferentes gerações de arquitectos, com posicionamentos pedagógicos relacionados a máxima liberdade, Távora acaba por assumir um posicionamento mais crítico da arquitectura e mais liberal. Nesta fase, o arquitecto é também orientado e influenciado por diferentes modelos da arquitectura, tais como os clássicos italianos e os racionalistas de Le Corbusier, e também da arquitectura brasileira.

Assim, Távora é condicionado por esses dois ambientes, por um lado pela família tradicional e rígida, e pelo Estado Novo, por outro pelo percurso académico mais moderno com fortes influências do arquitecto Carlos Ramos. Esta condição de confronto entre estas duas condicionantes, o tradicional e moderno, marca uma característica interessante em sua trajetória e na forma de se projectar.

Casa Quinta Briteiros, Guimarães

Situada em Guimarães, no sopé da Citânia de Briteiros, a casa da Quinta da Cavada resulta de uma sucessão de construções que, ao longo de séculos e a partir de um núcleo inicial, se foram aglomerando e articulando como “um organismo vivo” que, hoje, tal como ao longo dos tempos, continua capaz de responder as necessidades do tempo presente. A casa da Quinta da Cavada, projectada e construída entre 1989 e 1990, é um exemplo da fase madura de Távora, de novo entendimento sobre o património, quer a escala do território, quer a escala do objecto, para inserir dialeticamente a sua arquitectura num processo formal contínuo e temporalmente extenso.

Neste contexto, Távora tende ao já existente, numa atitude de continuidade, assim esta intervenção acrescenta, com uma notável inteligência, uma nova fase na história desta construção, criando uma ambígua atmosfera entre o passado e o presente como se entre esses dois mundos, por vezes tão distantes temporalmente, não existissem, de facto, descontinuidades ou ruturas estruturais. A referência de Távora à milenar Citânia de Briteiros, resgata para uma idade sem tempo e a insignificância do momento presente quando comparado com o lastro de acumulação e experiência da casa.

Assim, ao longo dos tempos e em função das necessidades da vida rural dos seus proprietários, a casa, inicialmente de lavradores, foi sofrendo sucessivos acrescentos. Hoje, a casa apresenta-se como um edifício único, bem implantado no terreno. Neste contexto de retoma a tradição, é importante reafirmar que para Távora, “A casa popular fornece grandes lições quando devidamente estudada, pois ela é a mais funcional e a menos fantasiosa, numa palavra, aquela que está mais de acordo com as novas intenções”, e, neste sentido, podemos constatar como esta casa é fruto desse entendimento das lições do passado, pois a história vale na medida em que pode resolver os problemas do presente e na medida em que se torna um auxiliar e não uma obsessão.

Deste modo, em um gesto proposital e sutil, o arquitecto mantém as características iniciais da casa no sentido da organização dos espaços. Isto implica no aproveitamento das salas e a cozinha, enquanto que no corpo alongado substituíram-se as lojas e estábulos no piso inferior, e o sequeiro no piso superior, por quantos e respectivas instalações sanitárias. Apesar das significantes alterações funcionais, “tudo parece ter ficado na mesma, mas quase tudo se alterou”, segundo Távora.

A casa possui a pedra como elemento de construção e a utilização da madeira, na fachada recorre-se a cor bordô, utilizada por arquitectos contemporâneos em intervenções desse tipo em Portugal, e que simboliza uma cor viva, de sangue dos animais. O interior possui desenho a nível dos pormenores, como o pavimento e as caixilharias.



Figura 7 – Imagens Casa Quinta Briteiros. Fonte: sigarra.up.pt

Eduardo Souto Moura

Arquitecto português, Eduardo Elísio Machado Souto de Moura, é natural do Porto, 1952. Formou-se em arquitectura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, colaborando com o arquitecto Siza Vieira, em 1981 passa a ser reconhecido na nova geração de arquitectos quando vence o concurso do projecto do Centro Cultural da Secretaria do Estado de Cultura no Porto. A partir disso, Souto Moura se destaca como uma importante figura internacional, com grande reconhecimento na Europa, com obras em diversos países.

A arquitectura de Souto Moura é identificada através dos pormenores construtivos e dos materiais, tem forte influência Mies Van der Rohe e de outros arquitectos do movimento moderno. Durante sua vida foi chamado para lecionar em diversas universidades europeias, e em 2011 tornou-se o segundo arquitecto português, depois de Siza Vieira, a ganhar o prêmio Pritzker, o principal da arquitectura, reunindo os mais renomados arquitectos do mundo.

Relativamente as suas obras, destaca-se o Estádio Municipal de Braga, a Casa das Artes, A Casa das Artes, A Casa do Cinema de Manoel de Oliveira, o Edifício Burgo no Porto e a ponte de Il Accademia em Veneza. Como referência para o projecto desta tese usou-se a Herdade do Barrocal, pelo contexto agrícola e histórico. Nos seus trabalhos procura criar uma paisagem exacta e respeitar a construção, a estrutura, a infraestrutura e os acabamentos das opções originais.

Herdade de São Lourenço do Barrocal, Eduardo Souto Moura

A intervenção do Eduardo Souto Moura na Herdade de Barrocal concentra-se na preservação do património ali existente na propriedade, mas com a intenção de reabilitar a casa principal e vários anexos para concretizar seu novo propósito, dar uma nova fase a aquele antigo núcleo rural, voltado para a exploração turística. Segundo Souto Moura, “A única forma de preservar o património é conviver com ele e aproveitá-lo, mesmo que em alguns lugares esteja danificado”. Neste propósito, apenas a vida cotidiana o transforma em algo natural lhe confere status de património.

Esta Herdade localiza-se no terreno mais elevado, num monte, onde a história comprova que é o sítio mais notável e interessante para a construção desse tipo de património. Assim, é constituído por sete edifícios dispostos em torno de uma rua central, ou seja, um eixo que organiza os volumes de forma paralela a rua. Nesta se localiza um antigo edifício industrial e de escritórios a norte posicionado ao lado de um antigo armazém. Ao sul desta rua organiza-se a casa principal, os pavilhões agrícolas, um pombal e uma pocilga ou curral.

Neste contexto, Souto Moura intenciona transformar não apenas uma casa, mas um miniuniverso, uma aldeia, com hierarquia própria, uma rua, uma praça, anexos, claustros. Deste modo, transforma a aldeia, na zona central, reaproveitando muito dos edifícios já existentes, que concluem também uma capela, sala de aula e praça de touros. Os espaços foram adaptados e transformados em comodidades, 22 quartos no hotel e 16 chalés, a propriedade conta também com um bar, loja, estábulos, spa e estúdio, salão de jogos e pátios.

O projecto inclui a renovação das estruturas de pedra caiada com telhados de terracota utilizando materiais que completam os tons e texturas originais. Nesta forma de dar utilidade a novos espaços, o bar principal insere-se num espaço abobadado pré-existente onde se fazia o antigo azeite, enquanto o antigo celeiro se transformou no restaurante. Souto Moura dizia, “há um processo que é muito absorvente saber como um lugar de azeite, por exemplo, pode se tornar um lugar de sala de estar com bar, ou como os anexos agrícolas podem ser transformados em casas, e como um estábulo pode ser transformado em restaurante”.

A intenção de dar um futuro próspero a comunidade local, com respeito a história do local e ecologia é o objetivo desta intervenção. Essa renovação histórica se dá também através de elementos da pré-existência, como uma rocha do período megalítico que anuncia a entrada da piscina, e os barrocais que serviam como abrigo a essas populações milenares.



Figura 8 – Imagens Herdade Barrocal. Fonte: dezeen.com

Considerações finais Referências

Relativamente as referências escolhidas, as três são interessantes do ponto de vista conceitual, prático, estético, e pelo uso dos materiais. Essas referências trazem o tema relacionado com a reabilitação de núcleos agrícolas, com o contexto rural, com a paisagem, com a arquitectura popular portuguesa, e com a exploração turística. Deste modo, há um processo de comparação, de reflexão e de aprendizado que se refletem no projecto.

Quanto ao primeiro caso, a reabilitação do núcleo rural de Aldoar, no Porto, autoria dos arquitectos João Rapagão e César Fernandes, este tema relaciona-se com a proposta da tese. Neste caso, é identificado os percursos, a entrada, o portão, os elementos do núcleo rural e as técnicas construtivas, o que permite a comparação com o que existe na quinta de Arouca. Manter as características originais do núcleo, mas dar novas utilidades aos volumes, a forma com que é acrescentado elementos contemporâneos que se relacionam com a história e sem perder a identidade do núcleo, são formas interessantes de intervir no território.

No segundo caso, a Casa Briteiros, da Quinta da Cavada, do Arquitecto Fernando Távora, a forte relação com o sítio, a história, o processo evolutivo da casa, e a intervenção sutil, vão de encontro ao que se pretendia no projecto da Quinta de Arouca, nomeadamente na casa principal. Desta forma, Távora estuda sistematicamente a casa, a pré-existência e a partir disso consegue uma estratégia de projecto. Essa semelhança pode ser identificada na técnica construtiva, o uso da pedra como principal elemento construtivo, ser uma quinta familiar, e a proposta da intervenção leva a identificação do aluno pela obra e escolha desta referência.

Relativamente ao último caso, Herdade do Barrocal, é interessante como Souto Moura consegue criar uma pequena comunidade, resgatando o núcleo rural, dando vida ao sítio. Como se fosse uma parte de cidade, com um eixo principal, a rua, as construções dispostas paralelamente a rua, essa organização mais rígida e funcional permite o funcionamento de todo o complexo turístico que depois se espalha por outros menores volumes e campos. A relação entre a rua e cada habitação, o degrau ou pedra que separam esses dois espaços, o público e o privado, as técnicas construtivas reinterpretadas numa linguagem contemporânea, a utilidade de novos espaços, isso tudo são lições de aprendizagem e que se relacionam com a quinta.

Desta forma, essas três referências trazem um material completo e interessante para minha proposta. Desde a parte conceptual até executiva. A interpretação da história, o respeito pela identidade do lugar, a técnica construtiva, os materiais utilizados, dão base a arquitectura que se pretende fazer. Neste caso, manter a características do lugar, dando oportunidade para atender as necessidades atuais e futuras e estabelecendo uma linguagem contemporânea.

O LUGAR

A quinta é constituída por sete terrenos na freguesia de Jugueiros, dois urbanos onde se localiza o pequeno núcleo rural, nomeadamente a casa, o palheiro, o espigueiro, o moinho e o curral; e cinco terrenos rurais. Essas informações foram obtidas no PDM de Arouca, Plano Director Municipal, o que da legitimidade de novas construções apenas nos terrenos urbanos 1 e 2. O restante dos terrenos é de reservas agrícolas, ou seja, apenas para a agricultura.

Há duas alternativas de acesso, bem rápido e fácil, através do centro da vila, pela avenida principal (N326) e depois pela M511-1, ou então pela autoestrada (Variante a N326) e depois pela M511-1. A distância da quinta até o centro da Vila de Arouca é de 2,7 quilómetros e da quinta até a autoestrada é de 700 metros.

Terreno urbano 1.....890,75 m²

Terreno urbano 2.....3176,54 m²

Terreno rural 3.....1310,00 m²

Terreno rural 4.....2460,37 m²

Terreno rural 5.....2014,02 m²

Terreno rural 6.....4320, 80 m²

Terreno rural 7.....5000,14 m²

A envolvente da quinta é em sua maioria constituído por montes florestais compostos por pinheiros Bravos e Silvestres, e Eucaliptos. Há atividade de extração da madeira destas árvores através de indústrias de madeira localizadas na região de Arouca e Aveiro. Ao sul está situada a Serra da Freita, com seus recursos hídricos e ribeiros que passam pela quinta. Desta forma a paisagem é muito rica em recursos naturais, nomeadamente vegetal e hídrico, além disso há demarcações de zonas de caça em territórios mais afastados.

Ao caminhar pelos terrenos, percebe-se o som da água constantemente, há inúmeros ribeiros, minas de água ou pequenas represas que conservam a água. Desta forma, a água teve a importância não só para a atividade agrícola, mas atualmente sensorial e transforma e organiza a paisagem. As maiorias dos terrenos rurais estão inutilizáveis, mas bem cuidados, aparados, e são divididos por pequenos muros em pedra e caminhos pedonais que organizam as diferentes topografias e cotas do território. Isso permite diferentes ângulos de vistas da quinta.



Figura 9 - Imagens dos terrenos atualmente. Fonte: autor



Figura 10 – Imagens da quinta atualmente. Fonte: autor

LOCALIZAÇÃO

A quinta está localizada em Arouca, região norte de Portugal, área metropolitana do Porto e distrito de Aveiro. Arouca é um município com pequena população, mas de grande área, sua população é de apenas 21.039 habitantes (dados de 2016) distribuídas em 329,11 km² em suas 16 freguesias, cerca de 64 habitantes por km².

Esta zona marcada pelo Douro Litoral possui tradicionalmente o cultivo de uvas e produção de vinho verde e vinho do Porto. Atualmente há grande aposta do turismo na região, não apenas impulsionado pela qualidade do vinho, mas também relacionado ao turismo rural e de aventura. A própria câmara de Arouca administra essa atividade turística através do site deles, onde divulgam e vendem bilhetes das principais atrações turísticas do município. Neste contexto, nos últimos cinco anos o número de dormidas em Arouca cresceu 200%, o número de empresas subiu em 50%, contribuindo para a geração de empregos.

Os Passadiços do Rio Paiva, localizado em Arouca, é o mais famoso destino desse tipo no país, inaugurado em 2015 com cerca de 8 km e com paisagens de belezas únicas, já arrecadaram vários prêmios turísticos, com destaque para o World Travel Awards, os óscares do turismo, vencendo nas categorias “Melhor Projecto de Desenvolvimento Turístico da Europa”, “Melhor Atração de Turismo de Aventura da Europa” e “Melhor Atração de Turismo de Aventura do Mundo”.

Inserida num Geoparque Mundial da UNESCO, a maior ponte pedonal suspensa do mundo localiza-se em Arouca, inaugurada em 2020, a ponte 516 Arouca já recebeu diversos prêmios internacionais, como “A Melhor Atração de Desenvolvimento Turístico da Europa”. Suspensa no céu a 175 metros de altura, ela atravessa as margens do rio Paiva, unindo duas montanhas. É uma obra emblemática que desafia os visitantes do mundo todo.

Neste contexto de turismo de aventura e rural, o município possui também o Arouca Geopark, criado em 2009, com 328 km², correspondente a área administrativa do Município de Arouca, pertencendo a região de turismo do Porto e do Norte de Portugal. Esta área territorial reúne encantos e potencialidades de índole diversa, salientando para o singular património geológico, com 41 geossítios. Destes geossítios, destaca-se as Pedras Parideiras na Serra da Freita, Trilobites gigantes, Icnofósseis de Cabanas Longas e Icnofósseis de Mourinha.

Além disso destaca-se para o Mosteiro de Santa Maria de Arouca e o Museu de Arte Sacra, um dos maiores de Portugal, localizado no centro da Vila de Arouca. Há também a Rede Municipal de Percursos pedestres, a Rota dos Geossítios na Serra da Freita, o Museu das Trilobites, O Centro de Interpretação Geológica de Canelas. A Serra da Freita possui o complexo do parque eólico, inúmeras cascatas, turismo de aventura, aldeias históricas, campings e hotéis.

A gastronomia de Arouca é conhecida pela carne ser uma das melhores de Portugal, com destaque a uma rede de restaurantes de qualidade que servem os moradores locais e turistas que vem a procura de qualidade gastronómica. Além disso, o centro de Arouca possui diversos jardins e espaços públicos bem cuidados, e ultimamente a câmara tem investido em equipamentos que atendem as necessidades da população.

Estas características todas fazem parte das decisões no âmbito do programa do projeto, na potencialidade de transformar a quinta em não apenas um refúgio para a família, mas também num espaço de atividade turística, com acomodações e atrações rurais não só no território da quinta, mas também em toda a envolvente que o Município de Arouca fornece.

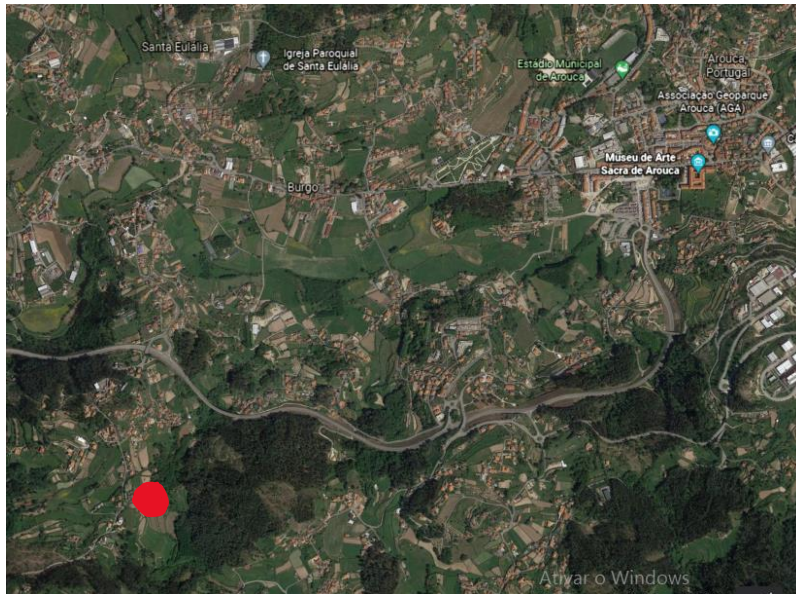


Figura 11 - Imagens de aproximação ao local de intervenção

O PROGRAMA

Refúgio da Família

No âmbito do programa, os clientes pretendem um refúgio em Arouca, em contacto com natureza, com a tradição, com a história, com as raízes da família, com as memórias. Além do refúgio, as proprietárias propõem um rendimento através da exploração turística. Estas duas condicionantes, refúgio e turismo, levam a várias reuniões com a família para estabelecer um projecto da quinta.

Desta forma, decide-se manter a casa principal e efetuar algumas alterações para adaptar a hospedagem da família. Na área de dia ou social, foi decidido uma ampla sala que se relacionasse com o pátio e com a cozinha, assim a cozinha teria que ser aberta para criar maior oportunidade de convívio e relação com o resto da sala.

Assim, parte da sala teria que ter um pé direito duplo para relacionar-se com o pátio e o restante da quinta. Este grande espaço social teria que ser servido por uma adega, exigência da família por causa da forte relação com o vinho, uma casa de banho de apoio, um espaço de degustação de vinhos, uma sala de estar e jantar e uma cozinha.

No espaço de noite, ou área íntima, os clientes pediram pelo menos três quartos para acomodar dois casais e dois filhos, acomodando assim as duas gerações seguintes dos avós. Além disso, pede-se também um apartamento ou um espaço para hóspedes, para eventuais convidados do Brasil, amigos da família ou até mesmo outros parentes, nomeadamente primos e tios.

Neste último caso, aproveitou-se a antiga Loja, parte de baixo da casa, para construir um apartamento independente e também com acesso ao pátio exterior. O apartamento foi pensado em um T1, com quarto, sala, cozinha e uma casa de banho. Os outros três quartos estariam no piso de cima servidos por uma galeria de circulação e que também se relaciona com o pátio visualmente. Estes são todos suítes para melhor privacidade, com armários entre a casa de banho e o quarto para melhor isolamento.

Quanto a organização e orientação solar, toda a parte técnica ou funcional da casa e do apartamento, casas de banho e cozinha, foram orientadas a poente/norte, aproveitando as aberturas já existentes. Já os quartos e áreas sociais estão localizados a nascente e sul, com novas aberturas ou aproveitando as que já lá estavam, proporcionando assim uma boa luminosidade, reforçada pelo pé direito duplo da sala.

Em conversa com os clientes proprietários, outra condição importante seria um espaço destinado ao trabalho, ao teletrabalho, um atelier ou um escritório. A família quando vem a Portugal acaba por ficar alguns meses, e necessitam de um espaço de trabalho, sossegado, sem ruídos, em contacto com a natureza e a paisagem da quinta. Deste modo, o palheiro foi adaptado a esta atividade, com uma pequena biblioteca, com vista para os campos.

Habitações Turísticas

Relativamente as habitações turísticas, elas podem ser alojamentos turísticos ou serem adaptadas a habitações permanentes no futuro. Esta ideia surgiu em conversa com os clientes, e propuseram rentabilizar a quinta, já que não há mais mão de obra suficiente para a agricultura nos terrenos e essa prática não é tão rentável. Desta forma, os clientes queriam cerca de oito habitações que coubessem nos terrenos urbanos, já que os outros terrenos eram reservas agrícolas e o PDM não permite a construção.

Neste contexto, os currais perderam a função e foram transformados em habitações, mantendo as características do ritmo da fachada. Essas moradias deveriam ter um espaço social, constituído por sala e cozinha integrada, e forte relação com o espaço exterior. As tipologias deveriam variar de T0 a T3 para acomodar diferentes número de pessoas e famílias. Relativamente aos quartos, deveriam estar posicionados em fácil acesso, na mesa cota da rua e da entrada da habitação, para permitir a acessibilidade de todos.

Ao criar essa pequena aldeia, esse pequeno núcleo, constituído por habitações, foi necessário criar diferentes espaços públicos em contacto com a natureza, desta forma, propuseram a construção de uma piscina semipúblico destinada apenas para a utilização da família e dos turistas e pessoas que lá visitassem, além de uma esplanada, uma espécie de praça para conviverem socialmente.

Além disso, o programa prevê também a reativação dos recursos hídricos e pedonais, tais como os percursos de água, ribeiros, minas de água, moinho, reservatórios de água e caminhos pedonais. Desta forma, aproveita-se o ribeiro que está canalizado para resgatá-lo à superfície a vista, proporcionando e orientando a rua de acesso às habitações.

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJECTO

Introdução

Esta memória descritiva refere-se ao projecto Quinta em Arouca, solicitado pela família e pelo autor do projecto. Será descrita a localização, o estado de conservação, os objectivos, a implantação, o princípio de intervenção sobre os edifícios existentes, o conceito e a parte conceptual, o programa, a organização funcional, as soluções construtivas, a ventilação, a climatização, a iluminação, acessibilidades e os materiais.

Desta forma, pretende-se descrever a justificação da proposta, do enquadramento territorial bem como as leis urbanísticas de construção, das opções técnicas e da integração urbana e paisagística da edificação, e as condicionantes formais e funcionais com a envolvente.

Descrição e justificação da proposta

A primeira intervenção consiste na recuperação e adaptação da casa principal e do palheiro, para ser transformada num refúgio da família que visita Portugal todos os anos. Este projecto de arquitectura está inserido no terreno urbano 1, com cerca de 890,75 m², com finalidade de habitação unifamiliar. Este terreno urbano está inserido na freguesia de Jugueiros, em Arouca, com acesso direto pela M511-1.

A segunda intervenção consiste na transformação dos currais em habitações turísticas para alojamento local ou permanente no futuro. Este projecto de arquitectura está localizado no terreno urbano 2 com 3176,54 m², inserido logo atrás e junto ao terreno urbano 1. O acesso é através da via pública lateral ou através do primeiro terreno.

Para efeito dos arranjos exteriores, serão recuperados os espaços já existentes, transformando em espaços públicos, dando novas utilizações e atendendo as necessidades contemporâneas dos visitantes locais e da família.

Justificação das opções técnicas e integração urbana e paisagística das edificações

Relativamente a entrada da quinta, recupera-se o portão localizado no terreno urbano 1, bem como os muros em pedra, reforçando-os com novas pedras em granito polidas. O piso exterior mantém as características originais de pequenas pedras entrelaçadas e justapostas de maneira não uniforme.

Ao atravessar pelo portão e pelo caminho em pedra, chega-se a um pátio exterior que organiza os dois primeiros volumes em volta, a casa principal e o palheiro. Esta organização do núcleo rural em “U” ou em “quadrado” é uma tipologia muito comum nesta zona de Arouca. Desta forma, o projecto respeita essa organização e reforça de maneira contemporânea a utilidade do pátio, já que este perde as funções antigas agrícolas.

Isto implica em relacionar os espaços interiores sociais da casa principal neste pátio. Para que haja esta relação, parte da sala possui pé direito alto, com uma escada em madeira que separa a sala de estar com a zona da adega/degustação e casa de banho de serviços. Esta escada comunica com o piso de cima, com o restante da sala de jantar, cozinha e a zona de noite. A adega foi posicionada na zona mais enterrada da casa em contacto com as paredes em pedra.

Ainda no nível do rés de chão da casa, a antiga Loja foi transformada em um apartamento com entrada independente, com acesso ao pátio. O apartamento possui uma sala, cozinha integrada, casa de banho completa e um quarto. As antigas aberturas do rés de chão, que antes tinha a função de ventilação da cave e dos animais, passam a ser adaptadas para a entrada de luz, as demais aberturas também foram adaptadas com caixilharias novas em madeira.

No piso de cima, encontra-se outro acesso a casa através da extensão do alpendre, esta entrada alternativa permite um acesso mais direto a cozinha e a espaço de refeições, além de estar próxima a piscina exterior. A retirada da laje em betão permite um pé direito duplo ao piso inferior e entrada de luz, mantendo as aberturas e transformando a lareira num grande lanternim, e mantem-se a parede em pedra atrás da escada. A varanda é transformada em um corredor bem iluminado com vistas para o pátio e acede aos três quartos da casa.

Ainda na casa, esta sofre um recuo em relação a construção posterior vizinha, demolindo parte da habitação. Isto permite dar outra fachada, e um outro acesso pedonal e de carros para o terreno de trás da casa, espaço que pode ser utilizado para estacionamento de veículos junto com as hortas já existentes.

Mantendo essa ideia de pequeno núcleo rural, mas com adaptação contemporânea, transformando os espaços exteriores já existentes em novos espaços, a eira é utilizada para uma grande esplanada e que dá acesso ao antigo palheiro, adaptado agora para uma biblioteca e um atelier. O grande eixo que comunica a entrada da quinta, passa pelo pátio, pela casa, pelo palheiro, pela eira e por fim os currais é reforçado.

Desta forma, o curral é transformado em habitações turísticas mantendo as características originais de ritmo da fachada. O ribeiro é regatado à superfície deixando de ser canalizado, permitindo uma galeria de acesso as habitações e dando continuidade ao eixo. Aproveita-se a declividade do terreno e o muro em pedra existente para a construção desses dois novos volumes, com a cobertura dos dois no mesmo plano e com livre circulação em um deles.

Condições formais e funcionais com a envolvente

A quinta está inserida em uma freguesia com pouca densidade urbana, apesar de estar a cerca de 2,7 quilómetros do centro de Arouca, com a envolvente predominante por terrenos agrícolas, pequenas quintas e habitações unifamiliares. O território circundante a quinta possui também montes florestais, com demarcações para atividades de extração de madeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto final de curso foi um desafio que reuniu tudo que aprendi nesses anos de mestrado e licenciatura em arquitetura, desde a parte conceitual até a executiva. É um sonho que consigo realizar, é poder transmitir os meus conhecimentos de arquitetura adquiridos ao longo desse tempo nos desenhos, no papel, e em seguida poder concretizar.

Esse processo desafiante está relacionado com o fato de lidar com as minhas criatividade, as minhas vontades, com as minhas memórias e raízes, mas também tentar conciliar com as dificuldades técnicas, com a pré-existências e com as opiniões das clientes. Este fato tornou minha aprendizagem muito enriquecedora como aluno, com atitudes mais maduras.

Por último, tenho que lembrar dos meus avós, eles com certeza se estivessem vivos estariam muito orgulhosos e felizes. Afinal, este projeto é também uma forma de agradecer e dar continuidade as vontades dos meus antepassados. Infelizmente nesta época de pandemia perdi minha avó em 2020 e isto foi outro desafio que tive que lidar, afinal a quinta relaciona-se com ela. Enfim, isto permite ainda mais que amadurecemos como seres humanos.

*“Quem faz coisas pequeninas tem tendência a ser
pequenino, quem faz coisas grandes tem tendência a ser pouco
sensível ao detalhe, porque lida com grandes temas, grandes áreas.
Para atingir um equilíbrio na profissão é necessário ter a experiência
das várias escalas das várias dimensões.”*

Álvaro Siza Vieira

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

Ordem dos Arquitectos - *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal, Volumes I, II e III.*

Álvaro Siza Vieira, 1998 - *Imaginar a Evidência. Lisboa: Edições 70.*

Souto de Moura, Rafael Moneo, Giorgio Grassi - *Construir no Tempo.* Editorial Cannatà e Fernandes.

Documentários:

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/fernando-tavora-2/>

Fernando Távora - Discursos sobre arquitectura -
<https://www.youtube.com/watch?v=FxRw8TunGYw>

Publicações:

Estudo para a recuperação e a reabilitação do Núcleo Histórico de Pêgo Negro, Michele Cannatà. Laboratório de Investigação em Arquitectura, ESAP.

Sites:

<https://www.cm-arouca.pt/>

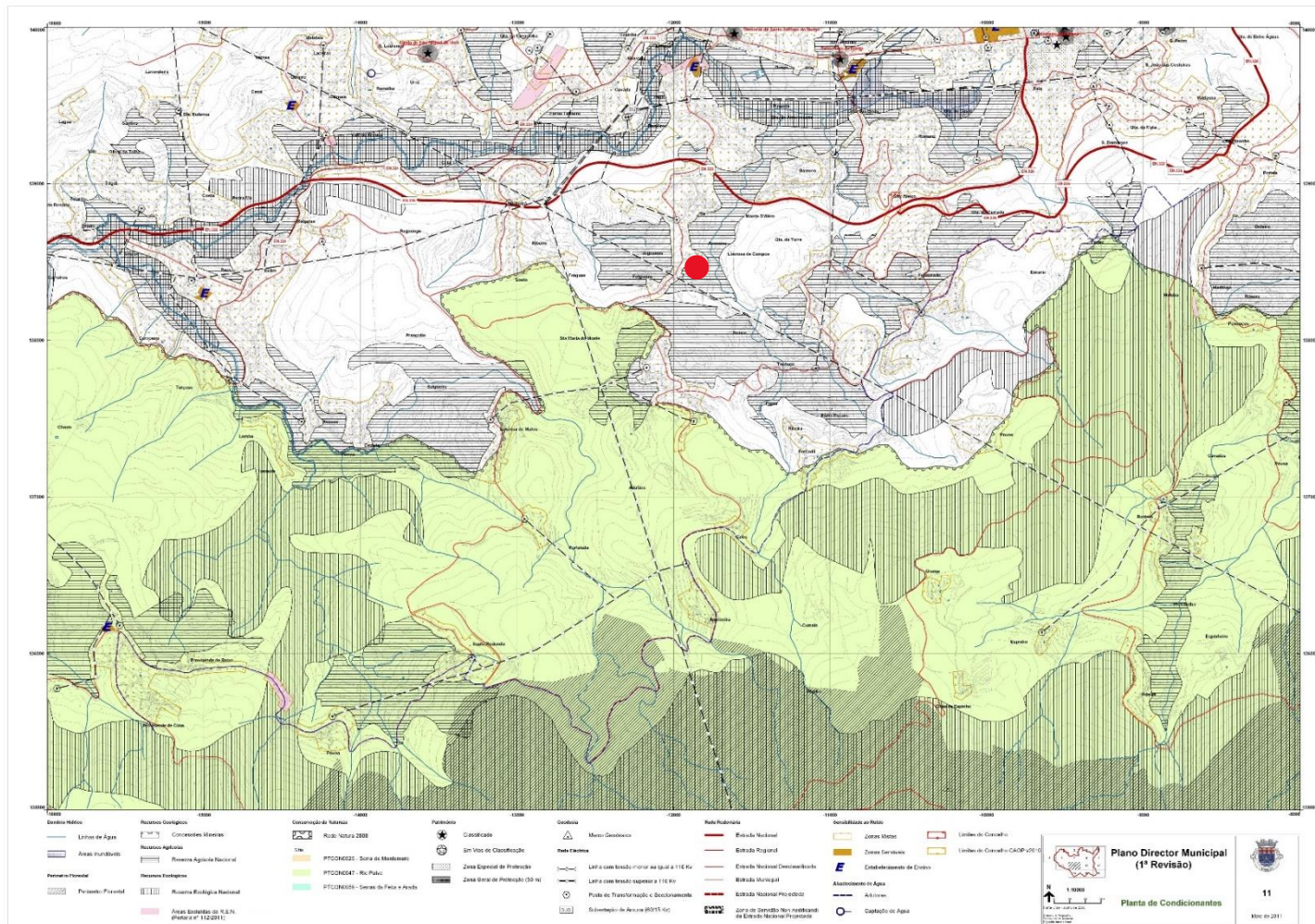
<http://www.joaorapagao.com/>

<http://www.soutomoura.pt/>

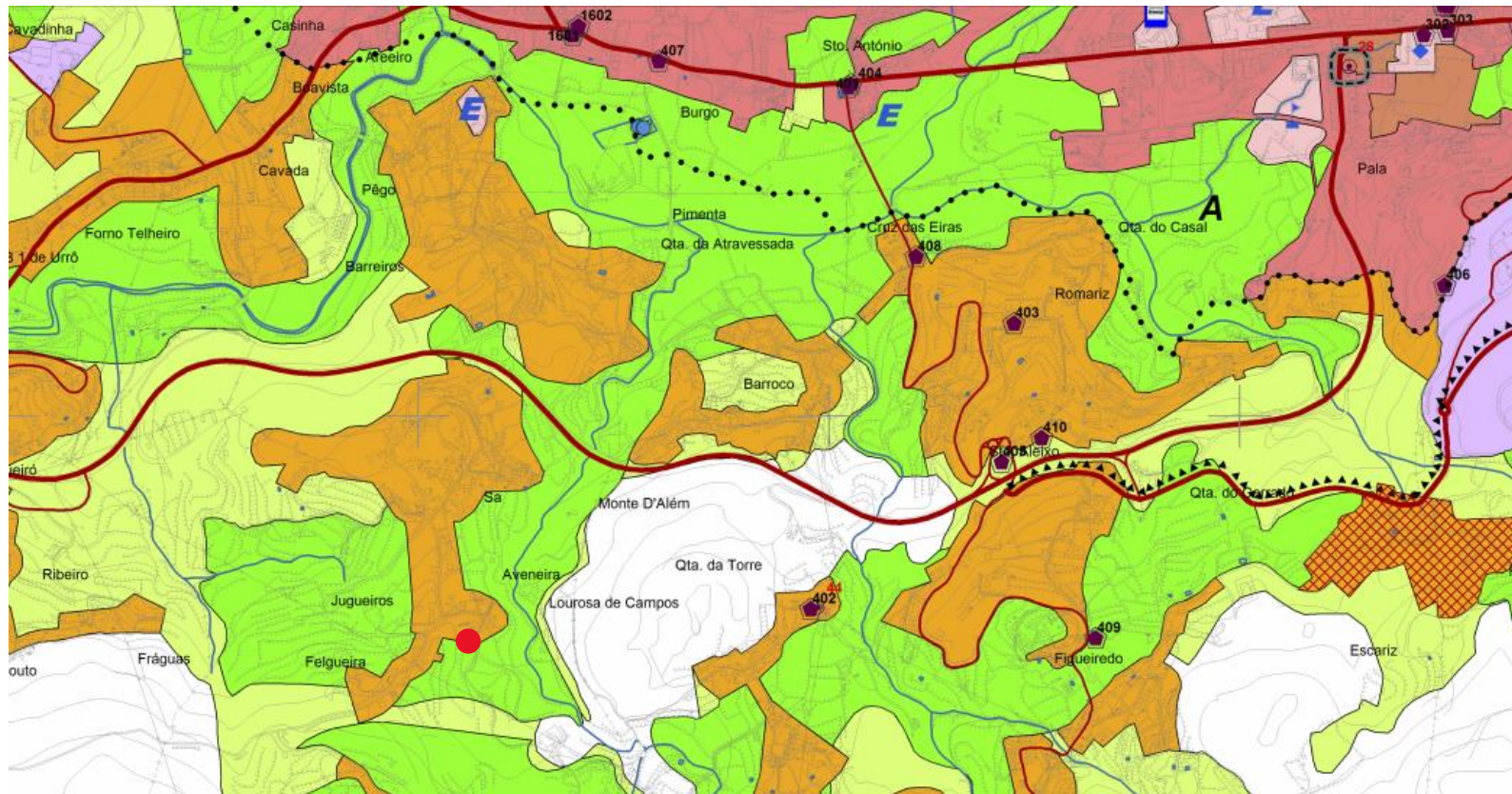
<https://www.dezeen.com/>

ANEXO I

Plano Diretor Municipal de Arouca, PDM.



● Localização da Quinta

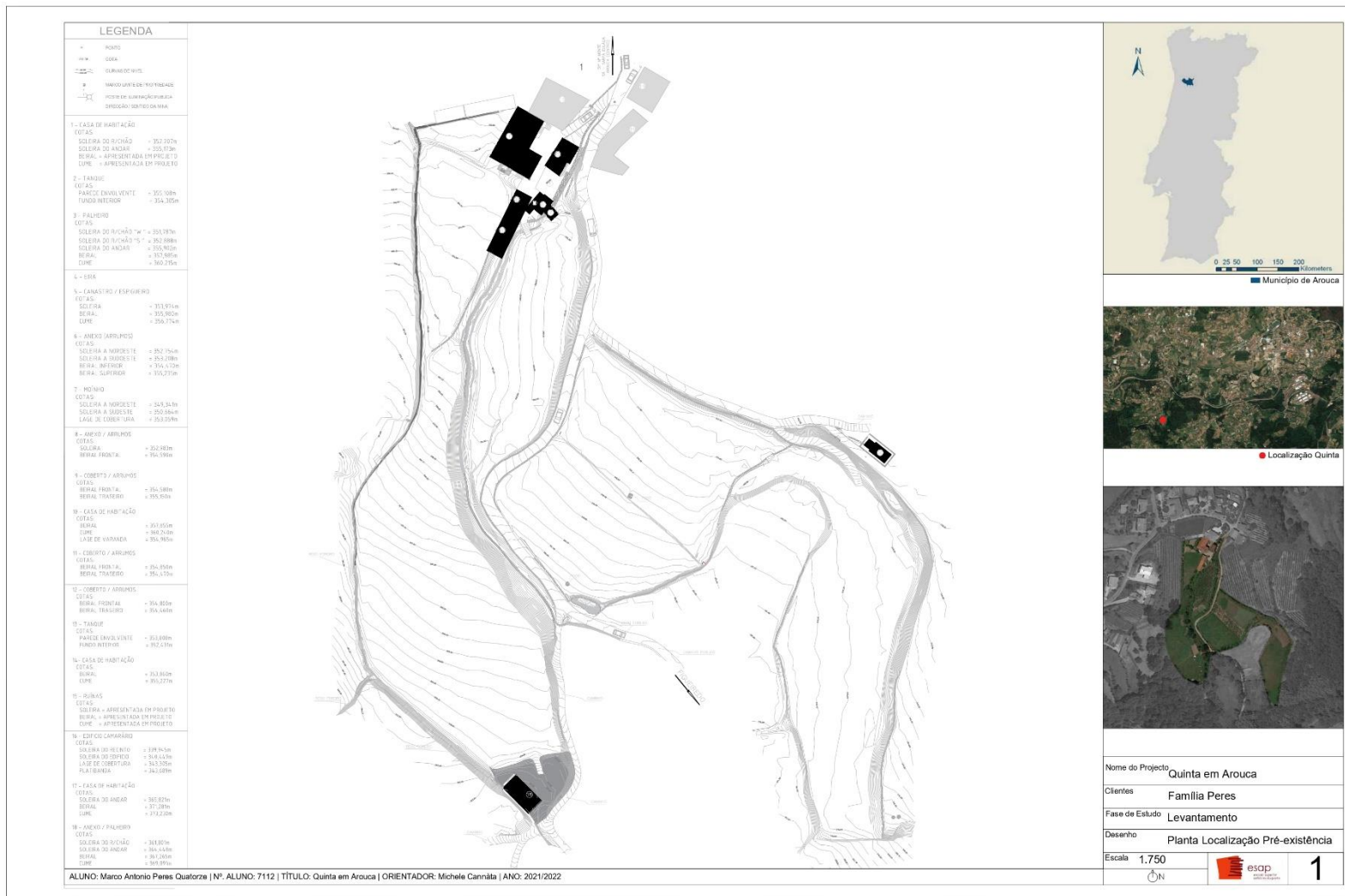


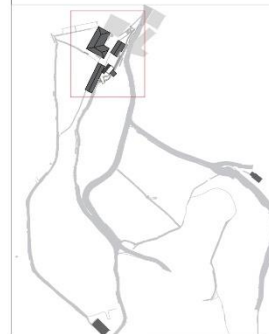
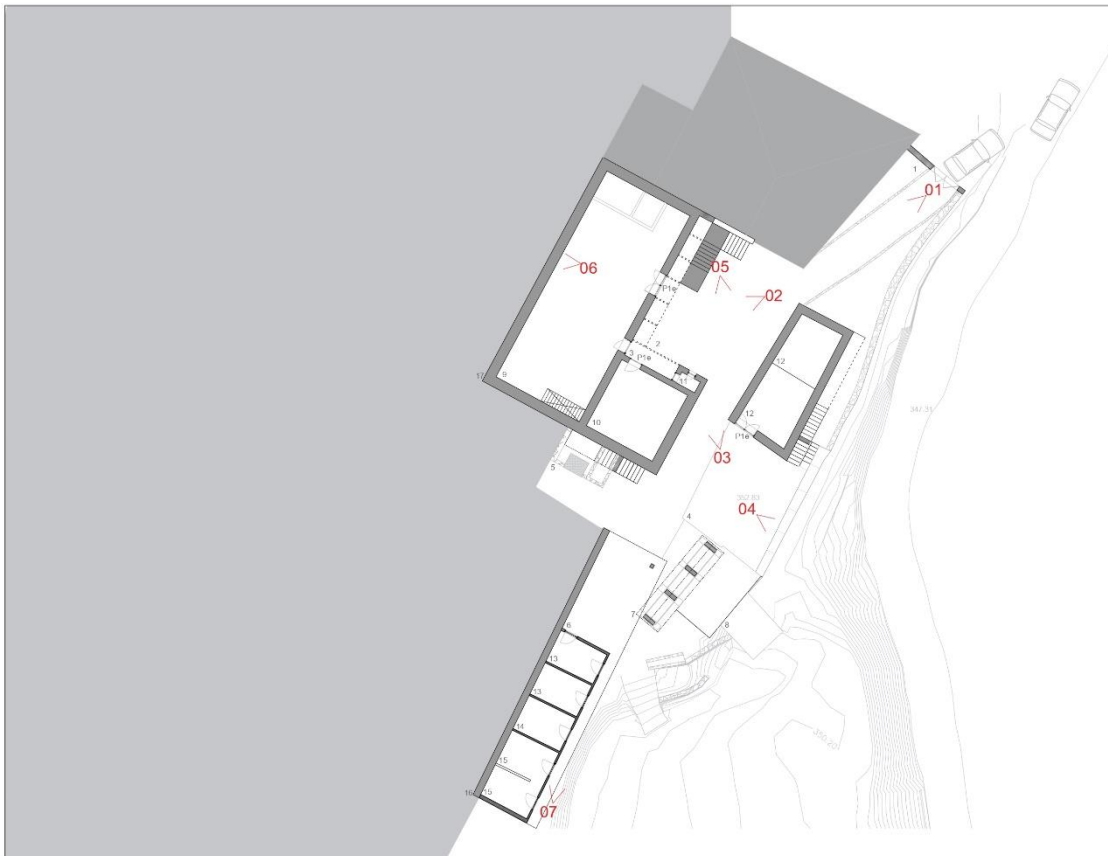
Localização Quinta

<p>Solo Rural</p> <ul style="list-style-type: none"> Espaços Agrícolas Espaços Agrícolas Contíguos Espaços Agrícolas Protegidos Espaços Florestais Espaços Naturais Valores Naturais Singulares Monúios Padrões Patrimoniais Vilares de Ganho 	<p>Equipamentos</p> <ul style="list-style-type: none"> Alimentação Pública Cultura Desporto Educação Lazer Saúde Transportes 	<p>Rede Viária</p> <ul style="list-style-type: none"> Existente Via existente principal Via existente secundária Vilante do Centro Urbano de Alameda Projetada Via projetada principal Via projetada secundária 	<p>Solo Urbano</p> <ul style="list-style-type: none"> Espaços de Uso Urbano Geral N1 - Área Urbana de Sede do Concelho N2 - Outros Aglomerados N3 - Núcleos Isolados Espaços para Equipamentos e Infra-estruturas Espaços Industriais Estruturas Ecológicas Urbanas 	<p>Segurança e Proteção</p> <ul style="list-style-type: none"> Área de Sensibilidade Arqueológica Património Arqueológico Património Edificado Plano de Reserva para Novas Vias Abastecimento Público Captação de Água 	<p>Disposições Programáticas</p> <ul style="list-style-type: none"> Limites das LUPs A - PU da Sede do Concelho B - PU de Escariz - Penafiel C - PU de Montoso D - PU de S. J. Paços - Riasa Solo Sujeito a Urbanização Programada 	<p>Limites Administrativos</p> <ul style="list-style-type: none"> Limites do Concelho CADP (2011) Limites do Concelho 	<p>Mapa de Referência</p>	<p>Plano Director Municipal (1ª Alteração)</p> <p>Plano de Ordenamento</p> <p>11</p> <p>Maio de 2010</p>	
---	--	---	---	---	---	--	----------------------------------	---	--

ANEXO II

Peças desenhadas para o entendimento do projecto proposto.





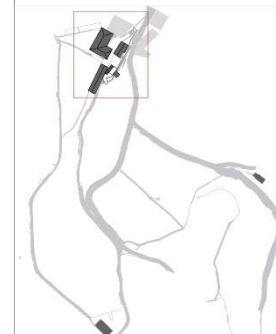
Quadro de áreas (m2)

Espaços Exteriores		
1 - Portão	5 - Tanque	
2 - Pátio	6 - Garagem	33,0
3 - Galeria	7 - Espigueiro	
4 - Eira	8 - Cobertura moinho	10,0
Espaços Interiores (m2)		
Casa Principal		
9 - Adega, vinho	11 - Arrumos	1,4
10 - Antigo curral		
	Palheiro	
12 - Arrumos	35,0	
	Currais	
13 - Bovinos	10,0	10,0
14 - Suínos	10,0	
15 - Aves		



ALUNO: Marco António Peres Quatorze | N.º ALUNO: 7112 | TÍTULO: Quinta em Arouca | ORIENTADOR: Michele Cannata | ANO: 2021/2022

Nome do Projecto	Quinta em Arouca
Clientes	Família Peres
Fase de Estudo	Levantamento Pré-existência
Desenho	Planta pisos R/C
Escala	1.200
 2	



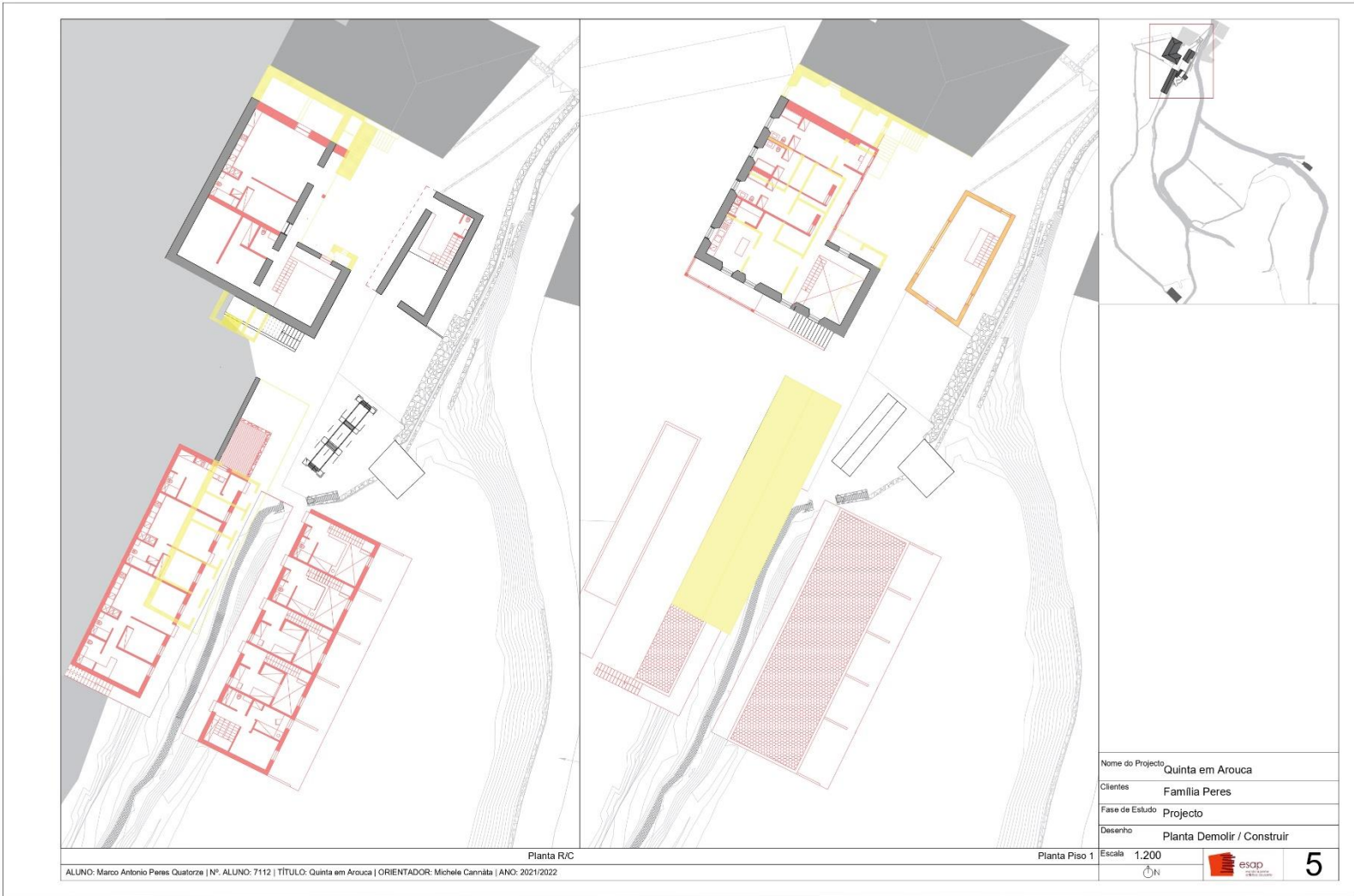
Quadro de áreas (m2)			
Espaços Interiores (m2)			
Casa Principal			
1 - Galeria, varanda	17,0	7 - Sala	18,5
2 - Arrumos	7,0	8 - Circulação	3,9
3 - Sala vazia	35,0	9 - Quarto	9,0
4 - Cozinha	31,0	10 - Quarto	9,0
5 - WC	2,2	11 - Quarto	11,0
6 - Sala	18,5	12 - Quarto	12,0
Palheiro			
13 - Arrumos	45,0		



ALUNO: Marco Antonio Peres Quatorze | N.º: ALUNO: 7112 | TÍTULO: Quinta em Arouca | ORIENTADOR: Michele Cannata | ANO: 2021/2022

Nome do Projecto	Quinta em Arouca	
Clientes	Familia Peres	
Fase de Estudo	Levantamento Pré-existência	
Desenho	Planta piso 1	
Escala	1.200	
		3







Planta R/C

Planta Piso 1



ALUNO: Marco Antonio Peres Quatorze | N.º ALUNO: 7112 | TÍTULO: Quinta em Arouca | ORIENTADOR: Michele Cannata | ANO: 2021/2022

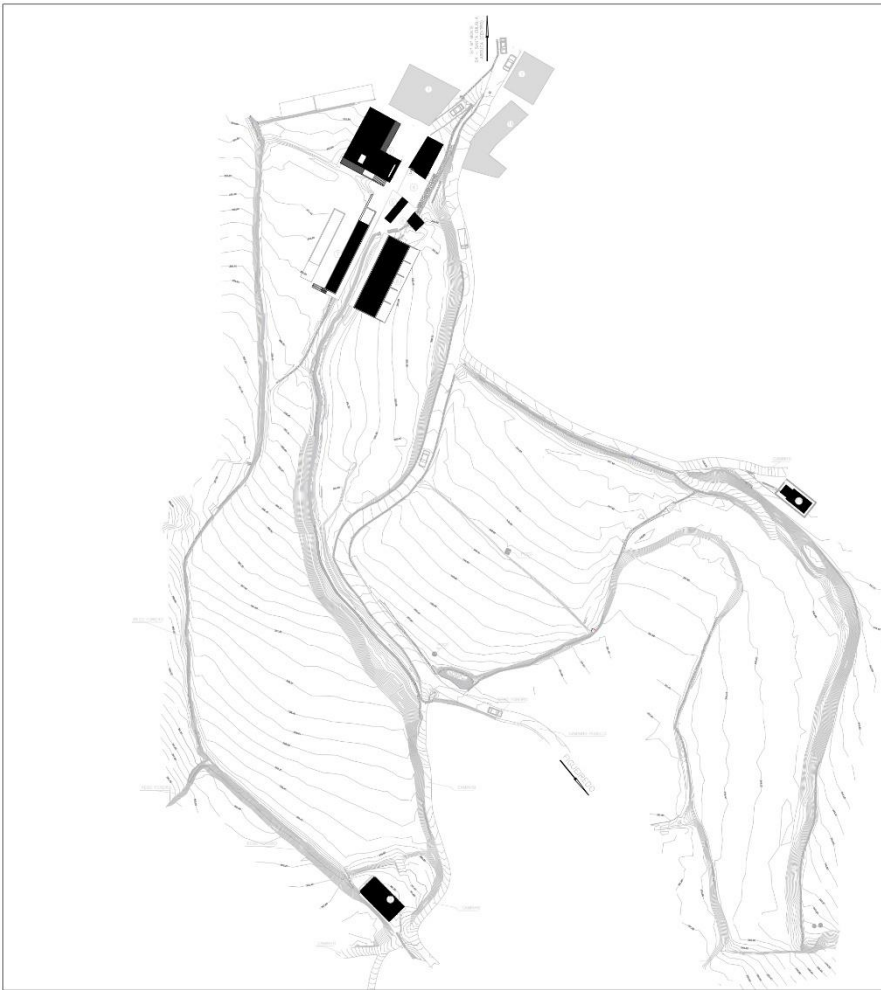
Nome do Projecto	Quinta em Arouca
Clientes	Família Peres
Fase de Estudo	Projecto
Desenho	Planta Demolir / Construir
Escala	1.200
 	
5	



ALUNO: Marco Antonio Peres Quatorze | N°. ALUNO: 7112 | TITULO: Quinta em Arouca | ORIENTADOR: Michele Cannata | ANO: 2021/2022

Planta Piso -1

Nome do Projecto	Quinta em Arouca
Clientes	Familia Peres
Fase de Estudo	Projecto
Desenho	Planta Demolir / Construir
Escala	1.200
 	
6	



LEGENDA

- RIBES
- LINHA
- CURVAS DE NÍVEL
- IMPLANTES DE IMOBILIDADES
- POSTE DE DELIMITAÇÃO PÚBLICA
- DRENAGEM HABITACIONAL

1 - VIZINHOS - CASA DE HABITAÇÃO

1 - CASA DE HABITAÇÃO
COTAS

SOLERA DO S/CALÇADO	+ 302,307m
SOLERA DO ANDAR	+ 303,177m
BELAL - APRESENTADA EM PROJETO	
COTE	+ APRESENTADA EM PROJETO

3 - ANTO DO PALMEIRO - ANEXO
COTAS

SOLERA DO S/CALÇADO "m"	+ 301,767m
SOLERA DO S/CALÇADO "n"	+ 303,088m
SOLERA DO ANDAR	+ 304,902m
BELAL	+ 305,768m
COTE	+ 302,275m

4 - TRÁ

5 - CANASTRO / ESPINGUEIRO
COTAS

SOLERA	+ 302,914m
BELAL	+ 303,902m
COTE	+ 304,704m

6 - MOJADO
COTAS

SOLERA A NOROESTE	+ 304,243m
SOLERA A SUDESTE	+ 302,044m
LARGO DE COBERTURA	+ 302,059m

7 - HABITAÇÕES TURÍSTICAS
COTAS APRESENTADA EM PROJETO

8 - HABITAÇÕES TURÍSTICAS
COTAS APRESENTADA EM PROJETO

9 - ANEXO / PALMEIRO
COTAS

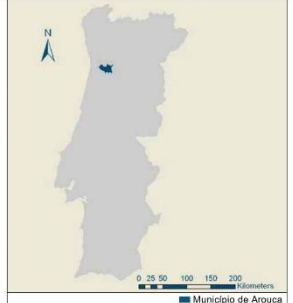
SOLERA DO S/CALÇADO	+ 303,007m
SOLERA DO ANDAR	+ 304,018m
BELAL	+ 305,205m

10 - BARRIL LAMARINADO
COTAS

SOLERA DO PRENTO	+ 309,914m
SOLERA DO DEFEITO	+ 304,439m
LARGO DE COBERTURA	+ 303,109m
PLATAFORMA	+ 303,009m

11 - BARRAS
COTAS

SOLERA - APRESENTADA EM PROJETO	
BELAL - APRESENTADA EM PROJETO	
COTE - APRESENTADA EM PROJETO	



Nome do Projecto	Quinta em Arouca
Clientes	Família Peres
Fase de Estudo	Projecto de execução
Desenho	Planta Localização
Escala	1.750

escp
7



ALUNO: Marco António Peres Quatorze | N.º ALUNO: 7112 | TÍTULO: Quinta em Arouca | ORIENTADOR: Michele Cannata | ANO: 2021/2022

Quadro de áreas (m2)

Casa Principal + T1

1 - Sala Estar	20,0	6 - WC	4,2
2 - Degustação	10,0	7 - Quarto	12,6
3 - Adega	18,0	8 - Sala/Cozinha	38,0
4 - Arrumos	3,5	9 - Biblioteca/estar	29,0
5 - WC	3,8	10 - Lavatório	1,7

Habituações

Piso R/C			
1 - Átrio	2,3	8 - Quarto	12,0
2 - Sala/Cozinha	19,0	9 - WC	2,7
3 - WC	2,7	10 - Quarto	9,0
4 - Sala/Cozinha	24,0	11 - Quarto	11,0
5 - WC	4,2	12 - WC	3,5
6 - Quarto	10,0	13 - Quarto	9,5
7 - WC	4,1	14 - Quarto	9,0

Espaços Exteriores

1 - Portão	-	4 - Espigueiro	-
2 - Pátio	84,0	5 - Tanque	-
3 - Eira/Esplanada	53,0	6 - Ribeiro	-
7 - Moinho	10,0		

Nome do Projeto **Quinta em Arouca**

Clientes **Família Peres**

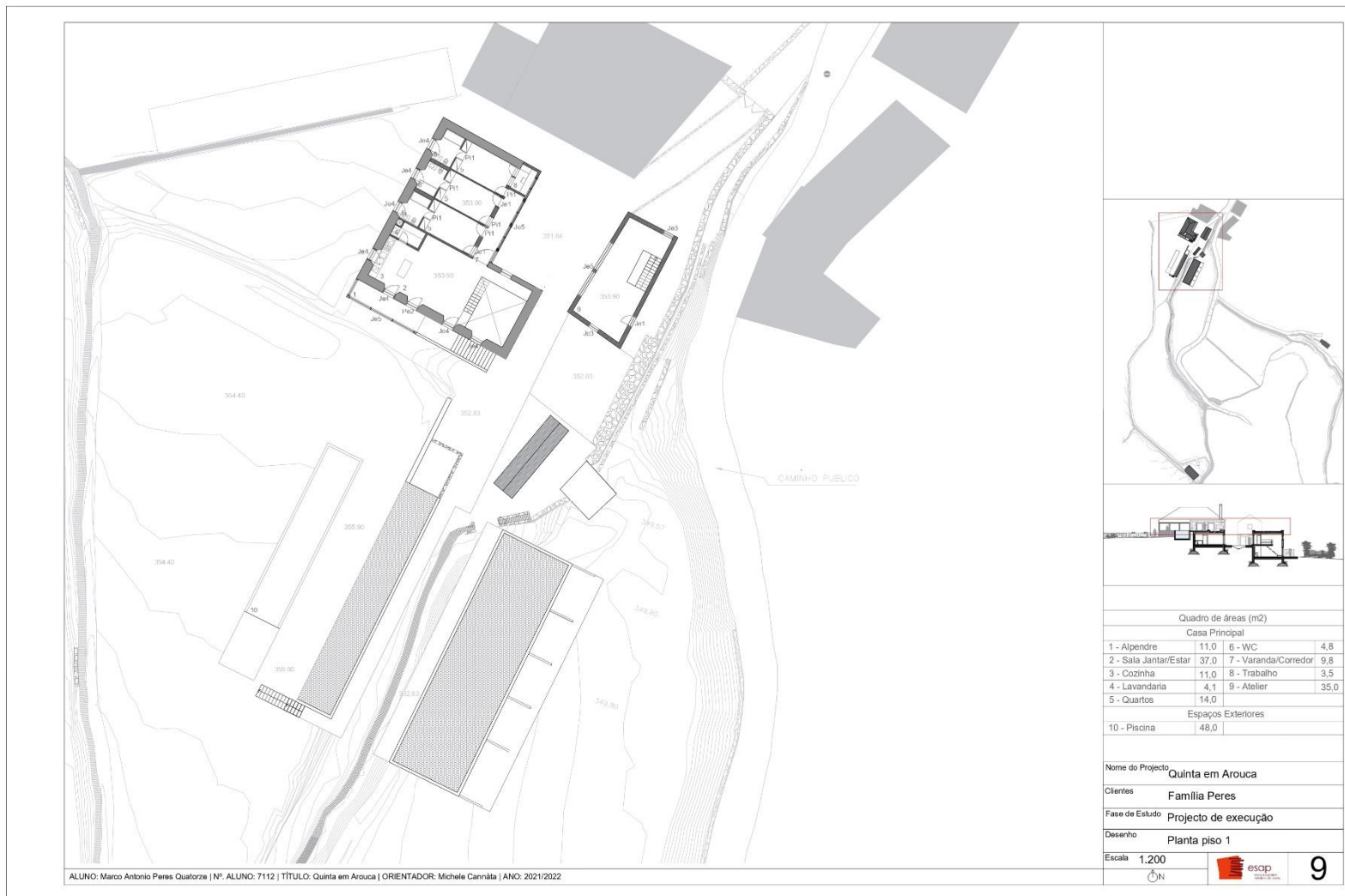
Fase de Estudo **Projecto de execução**

Desenho **Planta pisos R/C**

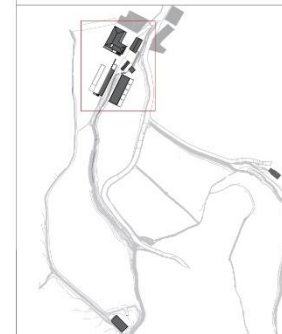
Escala **1.200**

escp
escola superior de arquitetura
e engenharia de arquitetura
da universidade de aveiro

8



ALUNO: Marco António Peres Quatorze | N.º ALUNO: 7112 | TÍTULO: Quinta em Arouca | ORIENTADOR: Michele Cannata | ANO: 2021/2022



Quadro de áreas (m2)			
Casa Principal			
1 - Alpendre	11,0	6 - WC	4,8
2 - Sala Jantar/Estar	37,0	7 - Varanda/Corredor	9,8
3 - Cozinha	11,0	8 - Trabalho	3,5
4 - Lavandaria	4,1	9 - Atelier	35,0
5 - Quartos	14,0		
Espaços Exteriores			
10 - Piscina	48,0		

Nome do Projecto: **Quinta em Arouca**
 Clientes: **Família Peres**
 Fase de Estudo: **Projecto de execução**
 Desenho: **Planta piso 1**
 Escala: **1.200**



9



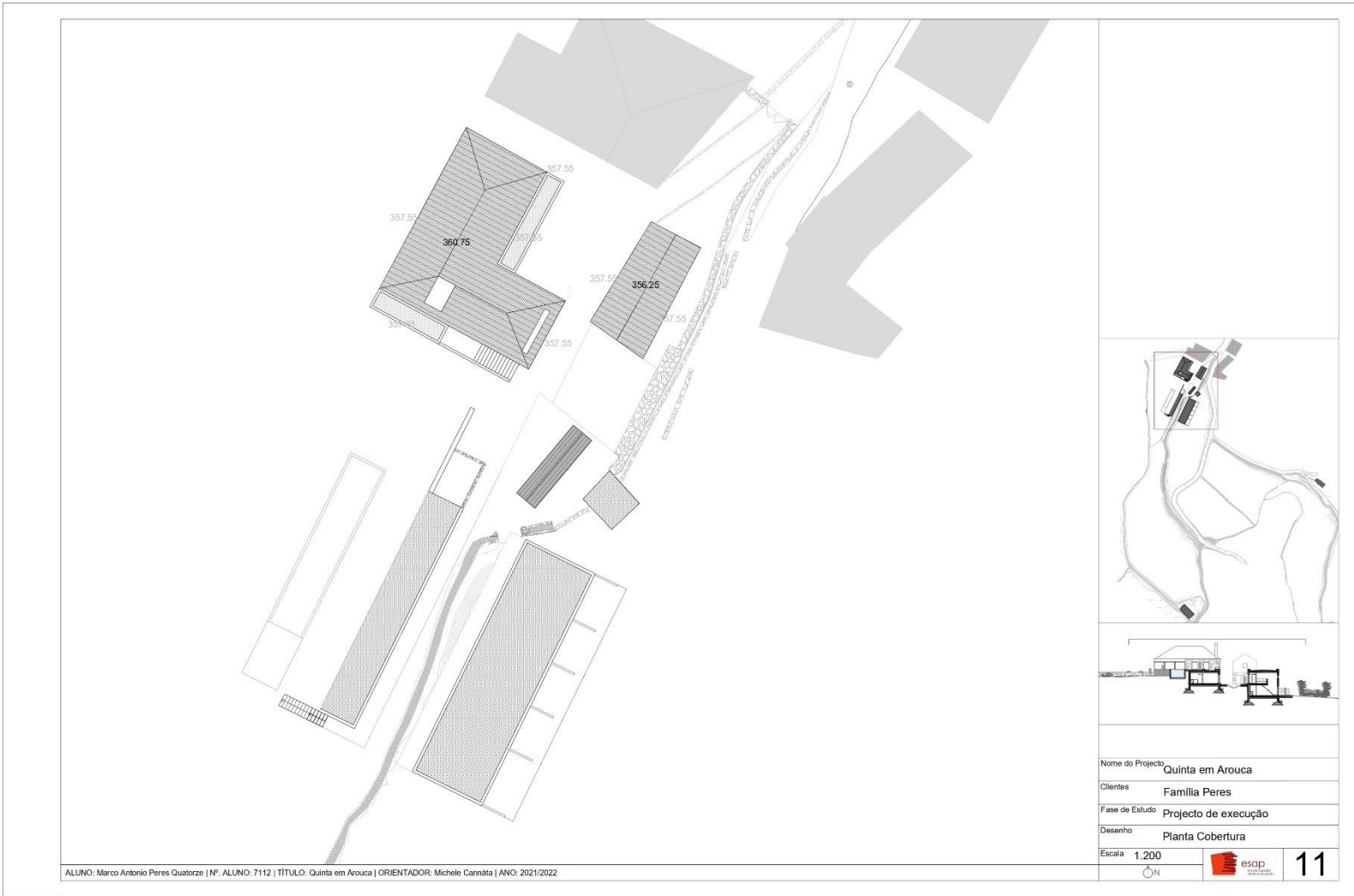
ALUNO: Marco António Peres Quatorze | N.º ALUNO: 7112 | TÍTULO: Quinta em Arouca | ORIENTADOR: Michele Cannata | ANO: 2021/2022

Quadro de áreas (m2)

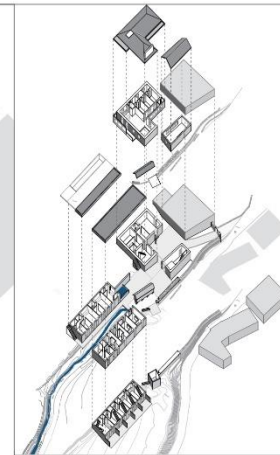
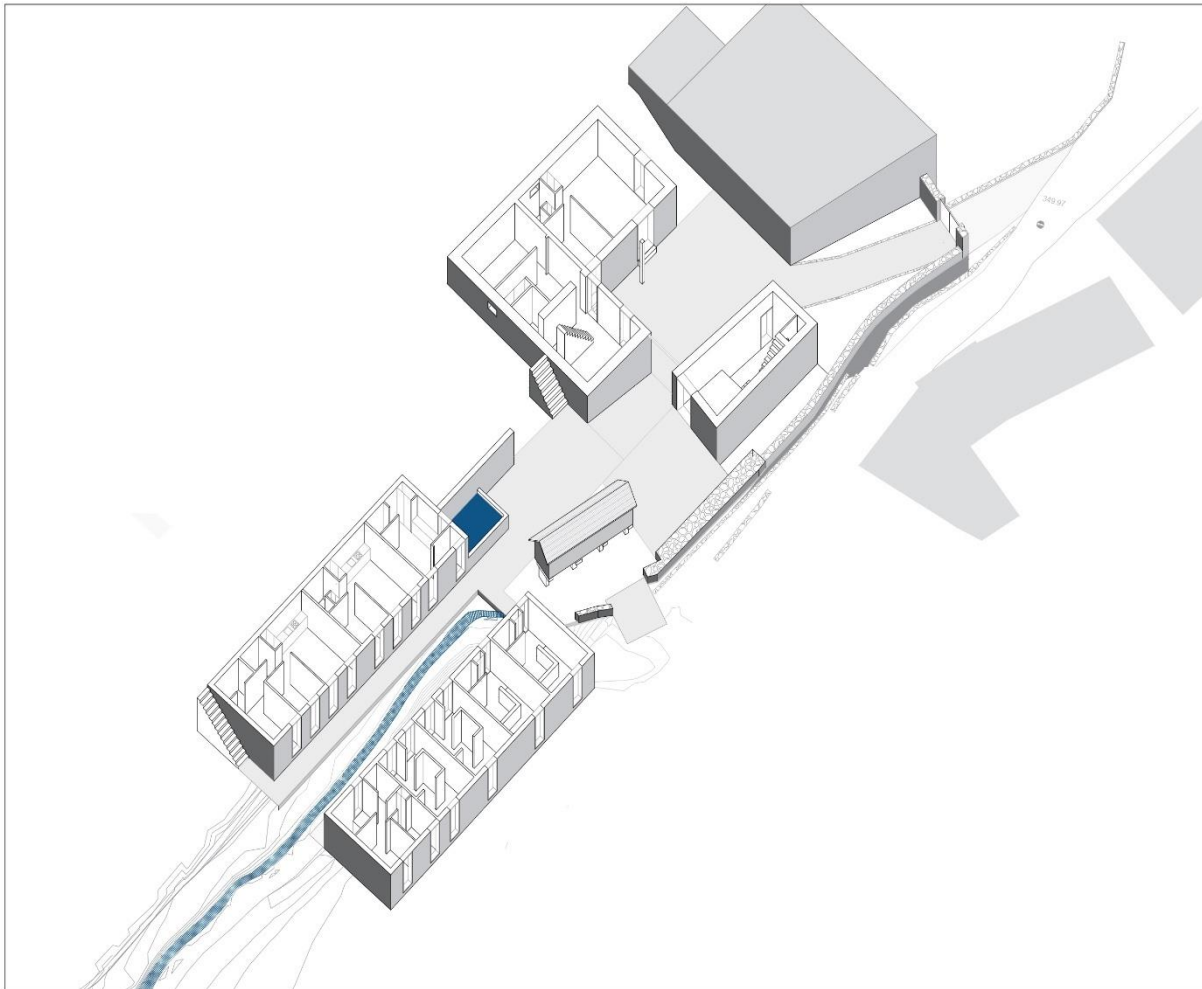
Habitações			
Piso -1			
1 - Sala/Cozinha	24,0	4 - Sala Cozinha	20,0
2 - Sala/Cozinha	20,0	5 - Arrumos	2,0
3 - WC	3,5	6 - WC	3,0
Moinho			
7 - Moinho	10,0		

Nome do Projecto: **Quinta em Arouca**
 Clientes: **Família Peres**
 Fase de Estudo: **Projecto de execução**
 Desenho: **Planta piso -1**

Escala: **1.200**
  **10**



ALUNO: Marco Antonio Peres Quatorze | N°. ALUNO: 7112 | TITULO: Quinta em Arouca | ORIENTADOR: Michele Cannata | ANO: 2021/2022



Quadro de áreas (m2)

Casa Principal + T1

1 - Sala Estar	20,0	6 - WC	4,2
2 - Degustação	10,0	7 - Quarto	12,6
3 - Adega	18,0	8 - Sala/Cozinha	38,0
4 - Armazém	3,5	9 - Biblioteca/estar	29,0
5 - WC	3,8	10 - Lavatório	1,7

Habituações

Piso R/C			
1 - Átrio	2,3	8 - Quarto	12,0
2 - Sala/Cozinha	19,0	9 - WC	2,7
3 - WC	2,7	10 - Quarto	9,0
4 - Sala/Cozinha	24,0	11 - Quarto	11,0
5 - WC	4,2	12 - WC	3,5
6 - Quarto	10,0	13 - Quarto	9,5
7 - WC	4,1	14 - Quarto	9,0

Espaços Exteriores

1 - Portão	-	4 - Espigueliro	-
2 - Pátio	84,0	5 - Tanque	-
3 - Eira/Esplanada	53,0	6 - Ribeiro	-
7 - Molinho	10,0		

Nome do Projecto: **Quinta em Arouca**

Clientes: **Família Peres**

Fase de Estudo: **Projecto de execução**

Desenho: **Axonometria piso R/C**

Escala: **1.200**

esqp

12



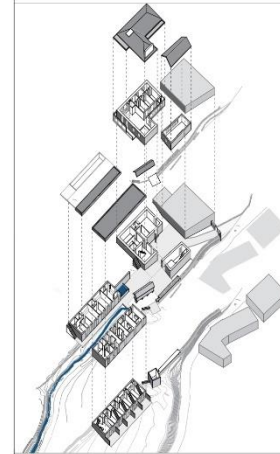
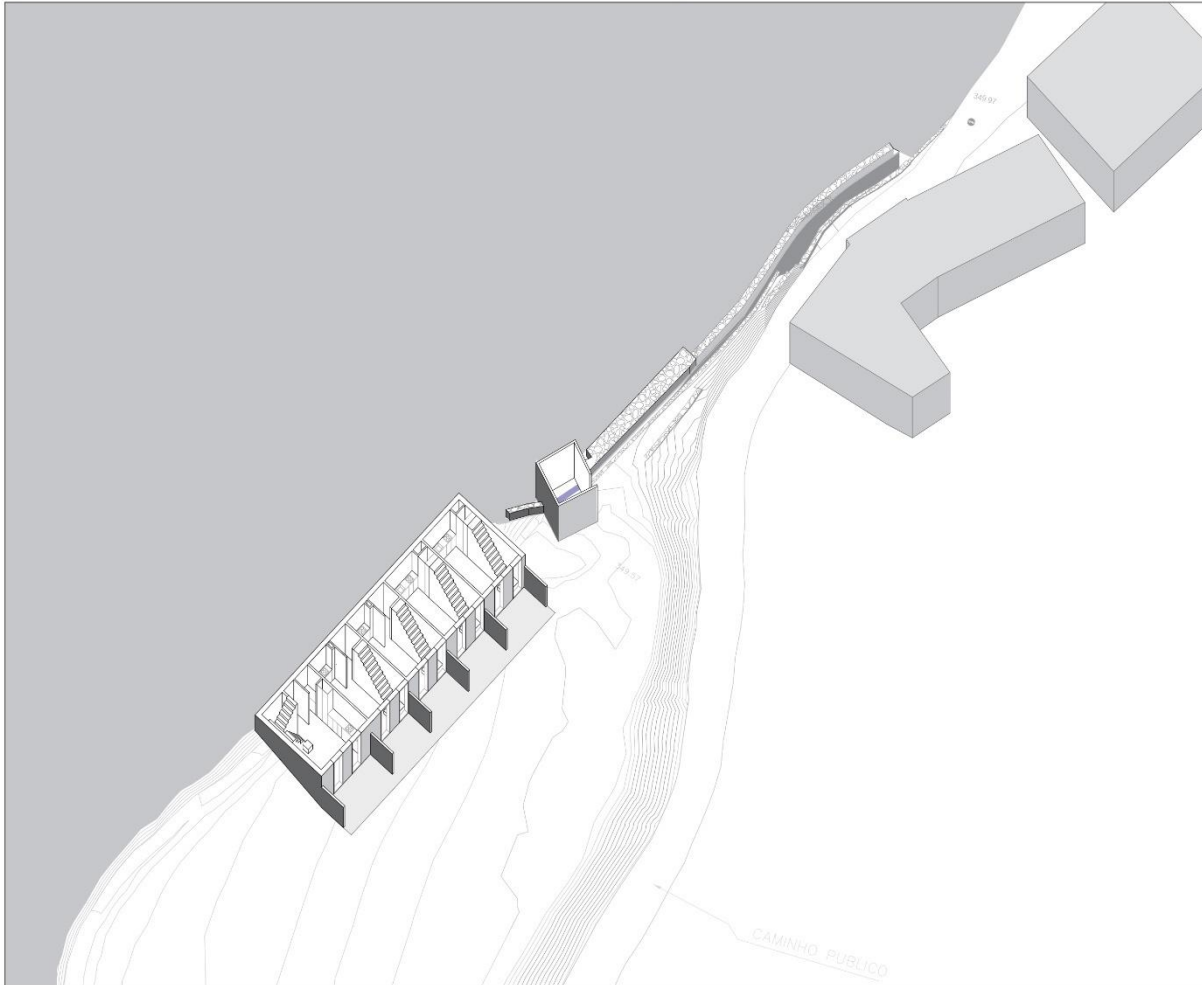
ALUNO: Marco Antonio Peres Quatorze | N.º ALUNO: 7112 | TÍTULO: Quinta em Arouca | ORIENTADOR: Michele Cannata | ANO: 2021/2022

Quadro de áreas (m2)			
Casa Principal			
1 - Alpendre	11,0	6 - WC	4,8
2 - Sala Jantar/Estar	37,0	7 - Varanda/Corredor	9,8
3 - Cozinha	11,0	8 - Trabalho	3,5
4 - Lavandaria	4,1	9 - Atelier	35,0
5 - Quartos	14,0		
Espaços Exteriores			
10 - Piscina	48,0		

Nome do Projecto: **Quinta em Arouca**
 Clientes: **Família Peres**
 Fase de Estudo: **Projecto de execução**
 Desenho: **Axonometria piso 1**
 Escala: **1.200**



13



Quadro de áreas (m2)			
Casa Principal			
1 - Alpendre	11,0	6 - WC	4,8
2 - Sala Jantar/Estar	37,0	7 - Varanda/Corredor	9,8
3 - Cozinha	11,0	8 - Trabalho	3,5
4 - Lavandaria	4,1	9 - Atelier	35,0
5 - Quartos	14,0		
Espaços Exteriores			
10 - Piscina	48,0		

Nome do Projecto: **Quinta em Arouca**

Clientes: **Família Peres**

Fase de Estudo: **Projecto de execução**

Desenho: **Axonometria piso - 1**

Escala: **1.200**



14

ALUNO: Marco António Peres Quatorze | N.º ALUNO: 7112 | TÍTULO: Quinta em Arouca | ORIENTADOR: Michele Cannata | ANO: 2021/2022




ALUNO: Marco Antonio Peres Quatorze | N.º ALUNO: 7112 | TÍTULO: Quinta em Arouca | ORIENTADOR: Michele Cannála | ANO: 2021/2022





ALUNO: Marco Antonio Peres Quatorze | N.º ALUNO: 7112 | TÍTULO: Quinta em Arouca | ORIENTADOR: Michele Cannata | ANO: 2021/2022

Nome do Projecto	Quinta em Arouca	
Clientes	Familia Peres	
Fase de Estudo	Projecto de execução	
Desenho	Corte	
Escala	1.100	
		

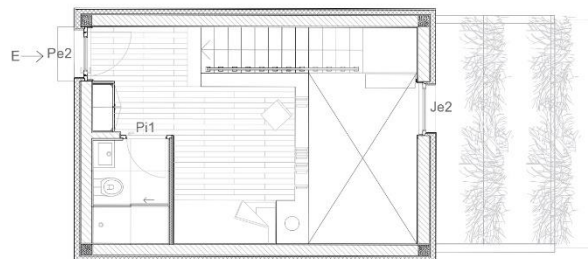




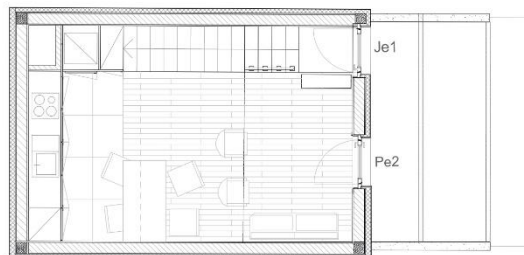
ALUNO: Marco Antonio Peres Quatorze | N.º ALUNO: 7112 | TÍTULO: Quinta em Arouca | ORIENTADOR: Michele Cannata | ANO: 2021/2022

Corte e Alçado HH

Nome do Projecto	Quinta em Arouca
Clientes	Família Peres
Fase de Estudo	Projecto de execução
Desenho	Corte / Alçado Norte
Escala	1.100
	 
	19

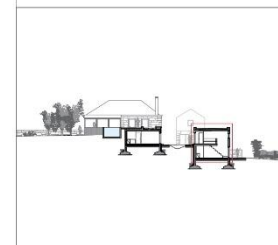


Planta R/C

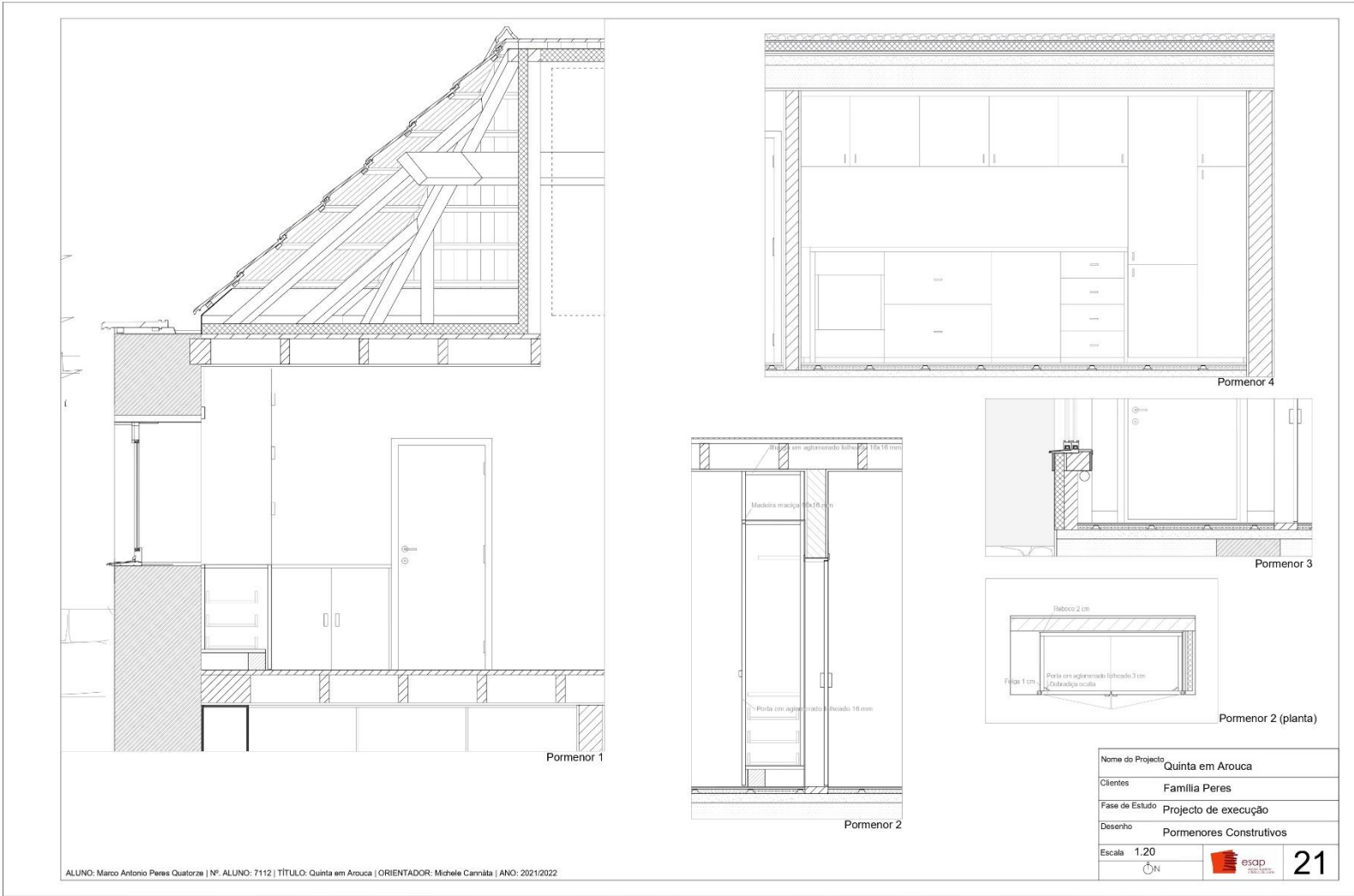


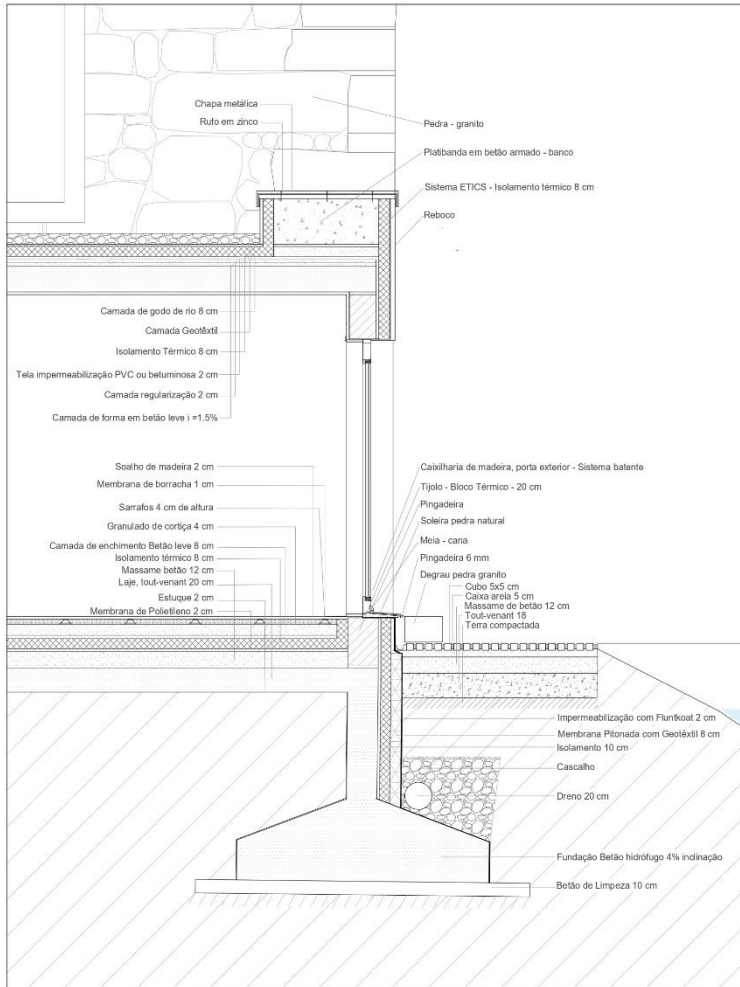
Planta Piso -1

ALUNO: Marco António Peres Quatorze | N.º ALUNO: 7112 | TÍTULO: Quinta em Arouca | ORIENTADOR: Michele Cannata | ANO: 2021/2022



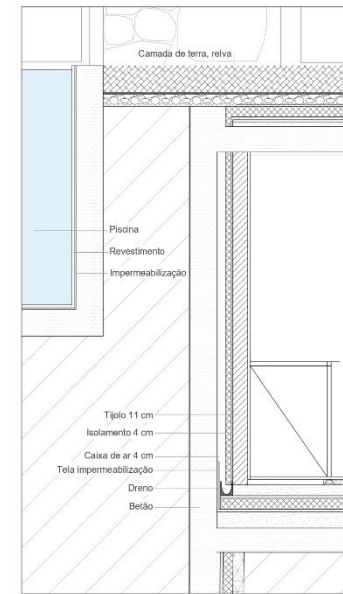
Nome do Projecto	Quinta em Arouca
Clientes	Família Peres
Fase de Estudo	Projecto de execução
Desenho	Planta tipologia T0 Duplex
Escala	1.50
20	






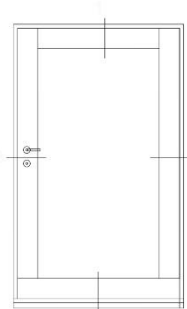
Pormenor 5

ALUNO: Marco António Peres Quatorze | N.º ALUNO: 7112 | TÍTULO: Quinta em Arouca | ORIENTADOR: Michele Cannata | ANO: 2021/2022

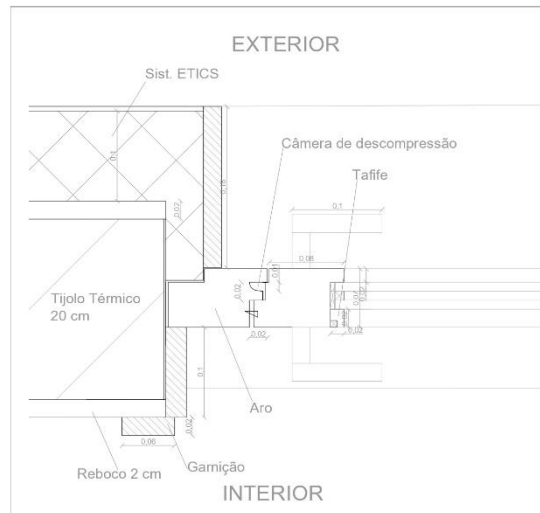


Pormenor 6

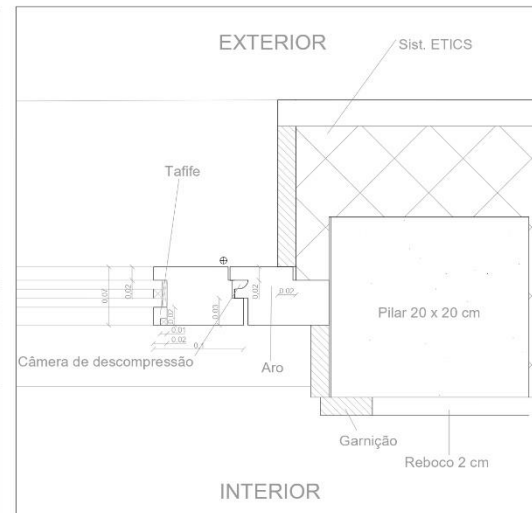
Nome do Projecto	Quinta em Arouca
Clientes	Família Peres
Fase de Estudo	Projecto de execução
Desenho	Pormenores Construtivos
Escala	1.20
	
22	



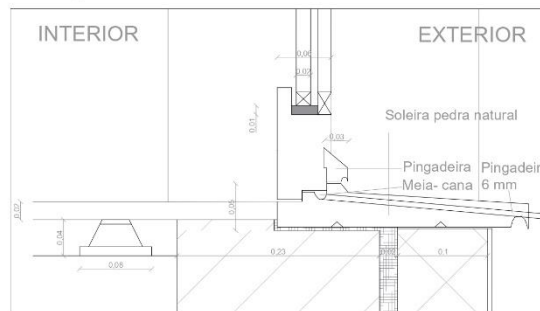
Vão exterior Porta, Esc. 1.20



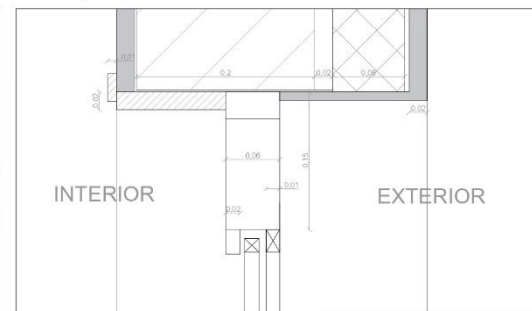
Pormenor 3, Esc. 1.03



Pormenor 4, Esc. 1.03

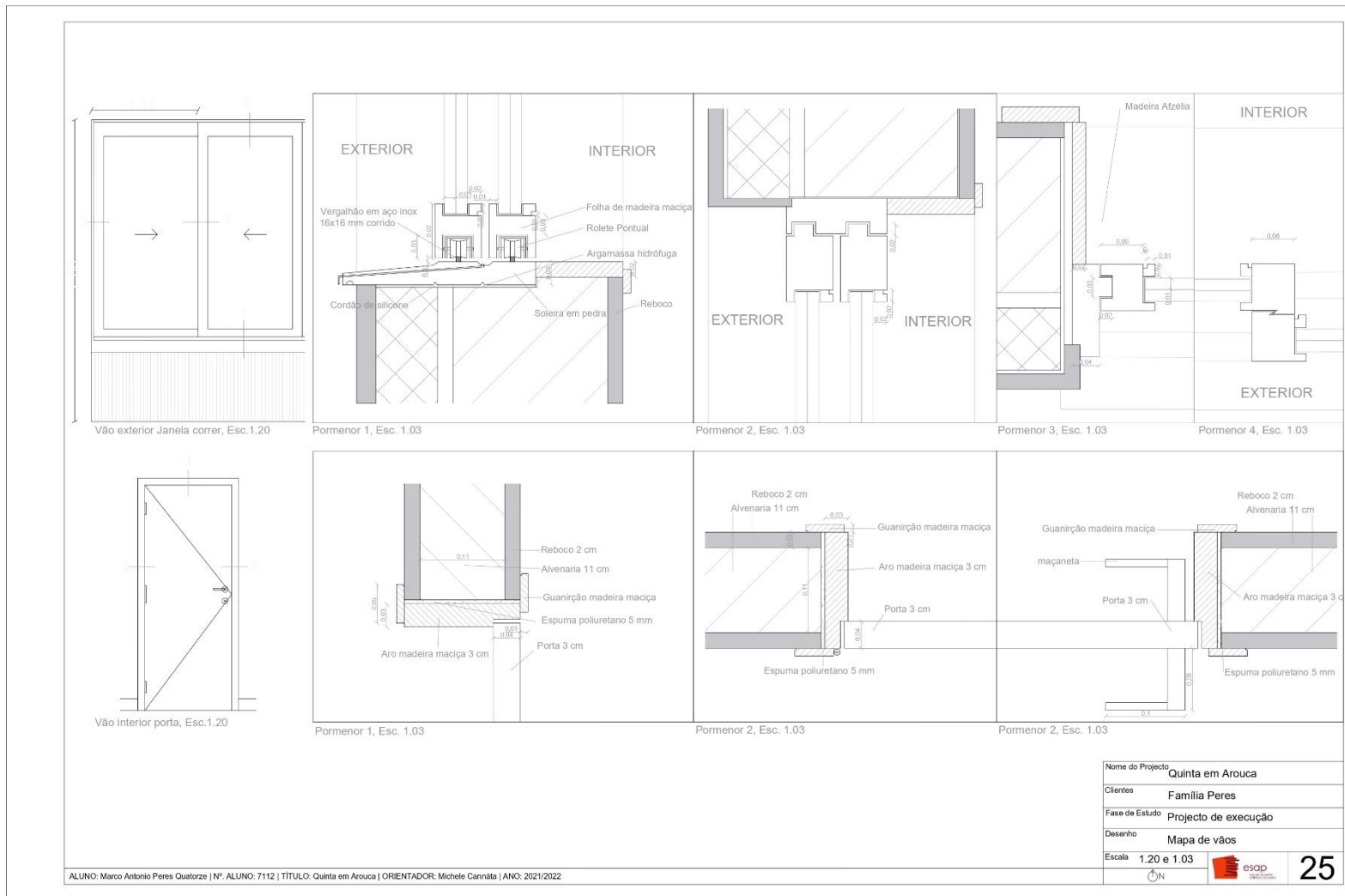


Pormenor 2, Esc. 1.03



Pormenor 1, Esc. 1.03

Nome do Projecto	Quinta em Arouca
Clientes	Família Peres
Fase de Estudo	Projecto de execução
Desenho	Mapa de Vãos
Escala	1.03
24	



Marco Antonio Peres Quatorze, Quinta em Arouca, 2022.